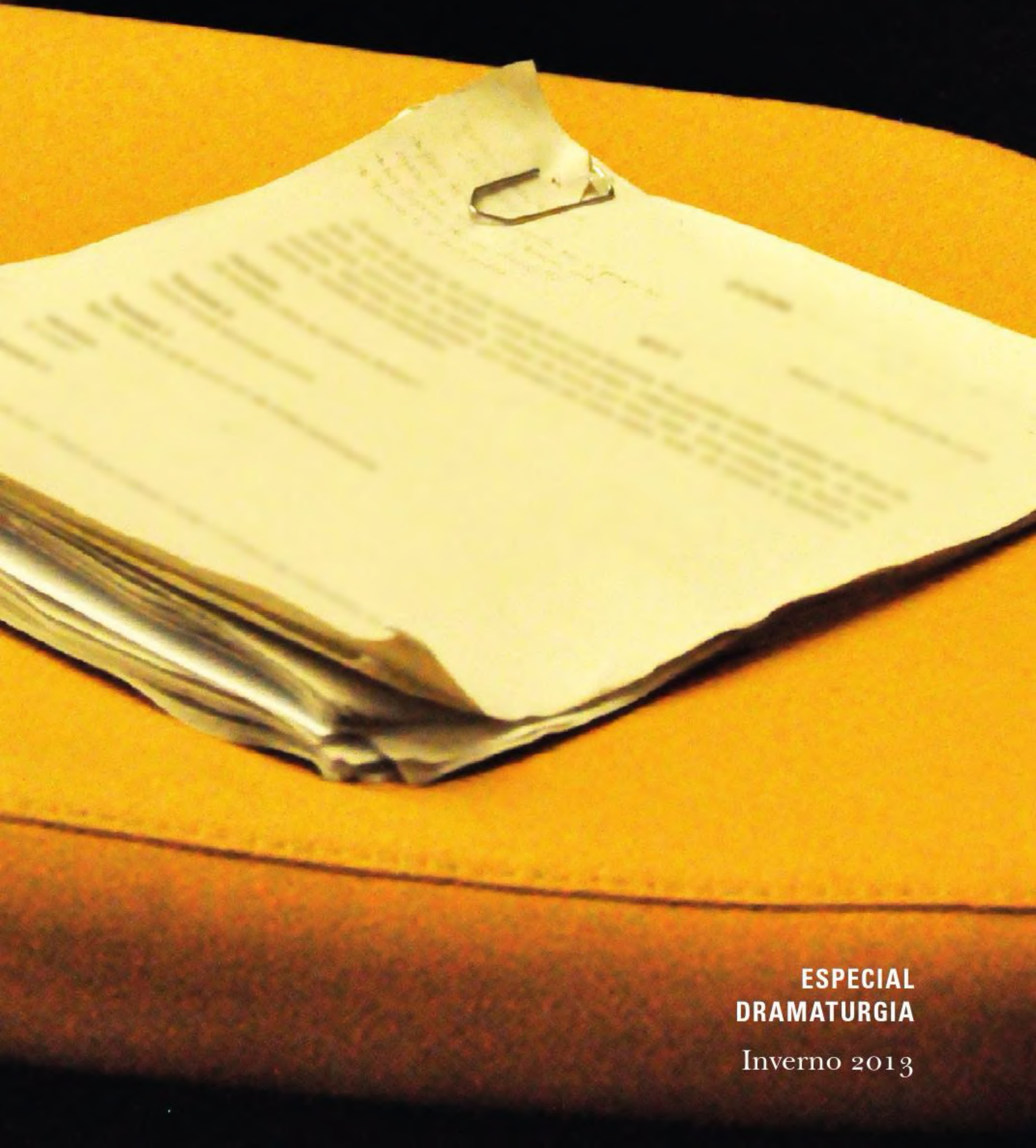
Governo do Estado de São Paulo e Secretaria da Cultura apresentam

A[L]BERTO

Revista da SP Escola de Teatro

ISSN 2237-2938



ESPECIAL DRAMATURGIA

Inverno 2013

ISSN 2237-2938

A[L]BERTO

Revista da SP Escola de Teatro

ESPECIAL DRAMATURGIA

Inverno 2013

EXPEDIENTE

GOVERNO DO ESTADO DE SÃO PAULO

Geraldo Alckmin
Governador do Estado

Marcelo Mattos Araujo
Secretário de Estado da Cultura

Renata Bittencourt
Coordenadora da Unidade de Formação Cultural

ASSOCIAÇÃO DOS ARTISTAS AMIGOS DA PRAÇA (ADAAP)

Conselho de Administração

Contardo Calligaris
Presidente

Rachel Rocha
Vice-Presidente

Aderbal Freire-Filho
Angela Coelho da Fonseca
Cléo De Páris
Lauro César Muniz
Leandro Knopfholz
Reynaldo Marchezini
Samuel Leon
Sérgio Campanelli

Conselho Fiscal

Soninha Francine
Presidente

Maristela Mafei
Vicente de Freitas

SP ESCOLA DE TEATRO – CENTRO DE FORMAÇÃO DAS ARTES DO PALCO

Ivam Cabral
Diretor Executivo

Erika Riedel
Diretora de Comunicação e Ideias

A[L]BERTO
REVISTA DA SP ESCOLA DE TEATRO

Coordenação
Silvana Garcia

Conselho Editorial
Francisco Medeiros
Guilherme Bonfanti
Ivam Cabral
J. C. Serroni
Joaquim Gama
Lucia Camargo
Marici Salomão
Raul Barretto
Raul Teixeira
Rodolfo García Vázquez

Projeto editorial
Pedro Maia Soares Editorial

Projeto gráfico/diagramação
Negrito Produção Editorial

Produção gráfica
Eric Vecchione

Revisão/preparação de texto
Raíssa Nunes Costa

Jornalista responsável
Erika Riedel (MTB 20.247)

Capa
Felipe Del

Endereço
Praça Roosevelt, 222, conj. 101
Centro – Cep 01303-020
São Paulo/SP
Fone: 2292-7988
Site: www.revistaalberto.org.br
Email:
revistaalberto@spescoladeteatro.org.br

Impressão
Imprensa Oficial do Estado de São Paulo

Tiragem
3 000 exemplares

APRESENTAÇÃO

Desde o surgimento de um modelo teatral ocidental, a dramaturgia ocupa lugar de destaque como um dos elementos mais importantes dessa arte plural. Não é de se estranhar, portanto, que na Grécia Clássica os poetas trágicos fossem considerados verdadeiros heróis e que nomes como Ésquilo, Sófocles e Eurípides tenham atravessado mais de 2 mil anos de História.

A trajetória da escrita cênica em nosso País não é tão antiga quanto a acima descrita, mas, ainda assim, temos nomes tão expressivos como diversos. E, cronistas de seus tempos, nossos dramaturgos fizeram – e ainda fazem! – um retrato de nossa sociedade e continuam a tencionar os limites do próprio teatro.

Assim, é com muita alegria que saudamos o nascimento desta oportuna edição da revista A[L]BERTO, dedicada integralmente à discussão de novas expressões dramatúrgicas.

Nas páginas que se seguem, como num dossiê, acompanharemos a produção de jovens – e promissores – autores, aprendizes da SP Escola de Teatro – Centro de Formação das Artes do Palco. Esses cinco textos, compostos dentro do âmbito pedagógico, funcionarão como uma janela para a contemporaneidade, explicitando especificidades da escrita teatral do nosso tempo.

Nós, da Secretaria de Estado da Cultura, aplaudimos a iniciativa e desejamos que estas obras alcancem os palcos e que suas leituras sejam instigantes e prazerosas.

SECRETARIA DE ESTADO DA CULTURA

APRESENTAÇÃO

Dentre nossas crenças, figura a ideia de que a SP Escola de Teatro – Centro de Formação das Artes do Palco, criada a partir de um desejo de fomentar expressões humanísticas através da arte, possui vocações que vão além da formação profissional pura e simples. As áreas abarcadas têm suas especificidades, evidentemente, mas, de forma geral – e tendo em mente o crescimento da indústria criativa no Brasil –, pensamos que um de nossos deveres é auxiliar a organização do recente mercado artístico de trabalho.

No nosso projeto, maturado desde 2005 por um coletivo de artistas vinculados a espaços ou grupos e companhias da região central da capital paulista, temos como objetivo uma formação sólida em oito áreas das artes do palco. Em alguns casos, oferecemos também uma formação inédita, como é o caso de Dramaturgia, curso pioneiro, coordenado com vigor por Marici Salomão.

É necessário relembrar que não temos reconhecimento formal da profissão no País. E imaginar que grandes profissionais morreram sem o reconhecimento de uma categoria organizada é muito triste. Mudar isso demanda, claro, toda uma articulação política, revisão de legislação etc. Mas, enfim, é preciso iniciar a jornada.

Esse número especial da revista A[L]BERTO é, nesse sentido, um desdobramento natural do esforço que já vem sendo empreendido por nossa Instituição em anos de atividade. Apenas como exemplo, publicamos, em 2011, "Ouvi Contar – Estudos de Dramaturgia", coletânea de textos de aprendizes apresentados na 11ª edição da Satyrianas, e, em 2012, "#MDRAMA", publicação que reúne 54 micropeças selecionadas a partir de um concurso promovido pela Escola no Twitter.

Assim, nas páginas que seguem desta A[L]BERTO Especial de Dramaturgia, com a publicação de cinco textos de nossos aprendizes – resultado de um processo pedagógico experienciado no curso –, apresentamos vozes singulares de jovens dramaturgos que estão dialogando com o nosso tempo e tencionando os limites da escrita cênica.

Enfim, sabemos que o caminho para a consolidação de nosso teatro é longo e árduo. Mas somos persistentes.

IVAM CABRAL
Diretor Executivo da SP Escola de Teatro

APRESENTAÇÃO

As peças desta edição foram produzidas por aprendizes do curso de Dramaturgia da SP, sob orientação de diferentes formadores, entre 2010 e 2012. Porém, pautadas pelos pressupostos do curso desde sua criação. Note-se que são peças regidas pela invenção formal, mas não o formalismo decorativista, que esteriliza qualquer pensamento pujante. Sim aquele inspirado pelas palavras do dramaturgo francês Jean-Pierre Sarrazac, pensador contemporâneo, ao dizer que o formalismo "pode ser formidável", desde que haja "um projeto por trás".

Levando-se em conta que o teatro ocidental foi tornando-se cada vez menos dramático, menos amparado pelas leis imutáveis do drama – *enquanto dialética fechada sobre si mesma, desligado de tudo o que lhe é externo*, segundo Peter Szondi –, é preciso salientar que os trabalhos em questão dissolvem os limites entre sujeito e objeto, quem narra e o que é narrado. Ao tornarem-se menos ou mais inseparáveis, possibilitam o surgimento de novas composições, para além da estrutura tradicional da intriga.

Vale dizer também que os textos a seguir pretendem ser mais cênicos do que literários: pedem sua completude na cena. Com estas questões nos guiando, a comissão selecionadora, formada pelos artistas e formadores Lavínia Pannunzio, Alessandro Toller, Jucca Rodrigues e eu, chegou aos textos que agora, com muito orgulho, compartilhamos com vocês.

MARICI SALOMÃO
Coordenadora do Curso de Dramaturgia da SP

DRAMATURGIAS HÍBRIDAS

Talvez se possa olhar uma vertente da dramaturgia produzida nas últimas décadas pelo filtro dos textos reunidos neste livro, criados sob o signo do transbordamento e da ruptura em relação ao dramático. Graças à ousadia e ao empenho dos formadores desses novos dramaturgos, pode-se considerá-los escritores de situações, narrativas e poemas que deslocam as fronteiras do que se convencionou considerar uma peça de teatro.

Em certo sentido, refletem a disseminação de uma dramaturgia híbrida no teatro contemporâneo, feita da tensão entre os modos épico, lírico e dramático. É o que nota Jean-Pierre Sarrazac quando salienta que textos essenciais como os de Edward Bond, Thomas Bernhardt, Heiner Müller, Bernard-Marie Koltès, Jean-Luc Lagarce e Sarah Kane, por exemplo, esforçam-se por conjugar as intenções dramática e lírica, em geral reveladas na relação catastrófica com o outro e consigo mesmo, à expansão épica em direção ao mundo e à sociedade.[1] O teórico francês considera-os rapsódicos, por resultarem do distanciamento dos modelos tradicionais e dos modos canônicos de escritura dramática e se explicitarem enquanto formas abertas, processuais, constituídas em corpo a corpo permanente com a entropia e o caos.[2]

Os textos desta coletânea funcionam como exemplos dessa prática. Marcados pelo hibridismo, resultam de uma multiplicidade de vias de composição, manifestando-se em exercícios de incorporação de elementos nar-

---

1. Jean-Pierre Sarrazac faz essas observações no *Lexique du drame moderne et contemporain*, que organizou com Catherine Naugrette, Hélène Kuntz, Mireille Loscot e David Lescot, editado pela Circé em 2005 (p. 18). O *Léxico* foi publicado em português pela Cosac & Naify em 2012 e reúne mais de cinquenta palavras-chave que contribuem para a compreensão da dramaturgia contemporânea. São de especial interesse para esta discussão os verbetes "catástrofe", "coro/coralidade", "desvio", "crise do diálogo", "literalidade", "material", "monodrama", "crise da personagem", "peça paisagem", "poema dramático", "pós-dramático", "rapsódia" e "voz".

2. No livro *Poétique du drame moderne. De Henrik Ibsen à Bernard Marie-Koltès* (Paris, Éditions du Seuil, 2012) , Sarrazac observa que os criadores do teatro contemporâneo estão em corpo a corpo permanente com a entropia e o caos.(p. 13) É interessante constatar que, a despeito das críticas que faz ao conceito de pós-dramático de Hans-Thies Lehmann, o teórico francês concorda com o ensaísta alemão ao menos nesse aspecto. Não se pode esquecer a afirmação de Lehmann no início de sua obra polêmica, em que recorre à artista belga Marianne van Kerkhoven para tecer relações entre as novas linguagens teatrais e a teoria do caos, com a concepção da realidade enquanto conjunto de sistemas instáveis. O teatro responderia a essa instabilidade por meio da simultaneidade de canais de enunciação, da pluralidade de significados e da estabilização precária em estruturas parciais, em lugar da fixação em um modelo geral. À semelhança do movimento das partículas elementares, a teatralidade explodida do pós-dramático tomaria direções tão diversificadas que seu único traço comum seria o fato de se distanciar da órbita do dramático. Hans-Thies Lehmann, *Le théâtre postdramatique*, Paris, L'Arche, 2002, p.130.

rativos e traços poéticos a resquícios da forma dramática. E na referência incisiva ou velada à realidade contemporânea, mediada pelo bombardeio informacional que abala as subjetividades do presente, especialmente em metrópoles como São Paulo.

A despeito da ampla variação formal dos textos, é interessante constatar a recorrência de determinadas constantes temáticas, especialmente discerníveis quando se observa as manifestações variadas de violência que tangenciam. De um modo ou de outro, esbarram na guerra de assassinatos, assaltos, seqüestros, agressões, gentrificação e privatização desordenada do espaço urbano. A partir de pontos de vista diversos, refletem a insegurança social generalizada e a descrença na eficácia dos poderes públicos para o combate à espoliação e aos desmandos de toda ordem. O que confere a alguns deles um tom desencantado, às vezes beirando o ceticismo, como se o antídoto para a violência fosse o revide que, sintomaticamente, é o título de uma das peças.

Constata-se, portanto, que o imaginário do medo e da violência parece organizar a paisagem dominante das peças, em sua maioria centradas no cenário urbano. O que é parcialmente explicável pelo crescimento das taxas de criminalidade nas grandes cidades do país a partir de 1980, com o fortalecimento do crime organizado, a ineficiência da polícia no exercício da segurança pública e o aumento da população que perambula pelas metrópoles, expulsa das favelas e dos enclaves de classe média, que se consolidam como cidadelas fortificadas dentro da cidade, protegidas por grades, seguranças e guaritas.

A situação parece resultar numa espécie de generalização da violência, expandida em amplo leque de agressões em várias esferas da vida pública e privada, envolvendo o trânsito automobilístico, as relações familiares, as torcidas nos estádios de futebol, os justiceiros e matadores profissionais que se especializam no exercício privado da segurança e da vingança, a parcela da polícia empenhada em ações de extermínio. Muitas vezes, os textos de alguns dramaturgos aqui apresentados, como Afonso Ferreira (*O Clube*) e F.A. Uchôa (*Revide*), aproximam-se dos "discursos do medo" e da proliferação das "falas do crime" a que Teresa Caldeira se refere em seu livro *Cidade dos Muros*.[3]

Como desdobramento do mesmo tema, os autores parodiam as classificações rígidas, os estereótipos e as segregações recorrentes nos noticiários

---

3. Devo a Flora Sussekind a lembrança do texto de Caldeira, citado no ensaio "Desterritorialização e forma literária. Literatura brasileira contemporânea e experiência urbana", Sala Preta n. 4, 2004. As demais menções à autora pertencem ao mesmo texto.

catastróficos da mídia, reflexo dos freqüentes relatos pessoais sobre homicídios, assaltos, seqüestros e outras práticas violentas. A referência explícita ou velada às chacinas praticadas nas guerras de tráfico ou perpetradas pelas próprias forças policiais escancara o perfil truculento do contexto brasileiro recente.

Os textos de Leandro Doregon (*Metaplágio*), Maria Shu (*Relógio de Areia*) e Tadeu Renato (*Licantropia*) aproximam-se desse contexto a partir de ângulos diversos sem, no entanto, transformá-lo em foco central, como nos casos anteriores.

A violência como mote recorrente tem contrapartida na ausência de formato definido das peças, que se apresentam em forma de diálogos, usando rubricas e divisão em atos, como acontece em *O Clube* e *Revide*, que mantém uma aparente troca dialógica entre personagens. Mas podem estruturar-se como monólogos justapostos, narrativas e descrições entremeadas a espécies de poemas concretos, que criam situações ou se estruturam enquanto meras exposições verbais, como é o caso de *Relógios de Areia*. Também podem ser compostos na alternância entre coralidade, monólogos e diálogos (*Licantropia*) ou como jorro de palavras sem definição clara de foco enunciativo (*Metaplágio*).

A pluralidade de traçados comprova o caráter híbrido dessa produção, revelando que os autores são avessos a modelos rígidos e preferem experimentar muitas vias no interior dos processos de criação dramatúrgica. O que resulta na diluição da especificidade do texto teatral e dá lugar a um exercício de correspondências entre dramaturgia, roteiro, prosa e reportagem, ou entre produção teatral, literária e visual. É o caso do texto de Maria Shu, autora de poemas, crônicas, haicais, peças de teatro e roteiros, que produz um exercício claro de contaminações entre as diversas práticas de escritura.[4]

---

4. Respaldando-se no hibridismo e na variação sistemática das formas da dramaturgia recente, Patrice Pavis opta por definir o texto teatral pelo critério elocutório. Segundo o ensaísta, atualmente texto de teatro é tudo aquilo que se fala em cena. O que soa como simplificação encontra eco no encenador americano Richard Schechner, para quem drama é tudo que o escritor escreve para a cena, e se opõe a *script*, o roteiro que serve como mapa de uma determinada produção. Essas definições pragmáticas demonstram os problemas para distinguir o texto teatral de hoje, quando as fronteiras do drama se alargaram a ponto de incluir romances, poemas, roteiros cinematográficos e até mesmo fragmentos de falas esparsas, desconexas, usados apenas para pontuar a dramaturgia cênica do diretor ou dos atores. O que aparecia até o final do século XIX como marca inconfundível do dramático, como o conflito e a situação, o diálogo e a noção de personagem, torna-se condição prescindível quando os dramaturgos passam experimentar todo tipo de escritura teatral. Para Martin Puchner, é especialmente a partir do modernismo que um assalto avassalador desestabiliza o fundamento dominante da enunciação teatral - a representação da realidade sustentada pela coerência da personagem e da narrativa ficcional do drama. De acordo com o teórico, Samuel Beckett

As criações dos outros autores também se constroem na via da colagem de procedimentos e assuntos, com a inclusão de traços documentais, comentários sobre política, *fait divers* e confissões íntimas, que resultam em textos sintéticos como *Metaplágio*, ou mais extensos como *Licantropia*, mas que se formalizam como escrituras sem território fixo. Nesse sentido, é difícil discordar de Jean-Pierre Sarrazac, quando sustenta que a tão propalada unidade entre forma e conteúdo, defendida por Peter Szondi com base em Hegel, não é perceptível nas escrituras teatrais das últimas décadas.[5]

Sem dúvida os textos de Afonso Lima e F.A. Uchôa são aqueles que definem um diálogo mais próximo entre a forma dramatúrgica e a experiência urbana, tomando como matéria questões urgentes como a criminalização sistemática do espaço público. Em *O Clube* Lima preserva uma estrutura dramática na aparência tradicional, com a divisão do texto em três atos, o uso de rubricas que informam localizações espaciais (no início, a mansão de uma fazenda) e traços de personagem (o proprietário de meia idade), ficando o inusitado da situação por conta do convívio fortuito com dois travestis sem nome. Nesse aspecto, a peça alinha-se às criações literárias, teatrais e cinematográficas em que o espaço é ampliado pelo recurso aos "encontros inesperados" que Ismail Xavier nota em filmes recentes, em que representantes de mundos sociais distintos aproximam-se por meio de "experiências pontuais, marcadas por certa singularidade".[6]

No início, o dramaturgo mantém os diálogos entre as supostas personagens com função aparente de acrescentar dados ao estatuto do protagonista, que aproxima dos milionários brasileiros do agronegócio. Mas à medida que o texto avança é visível que as figuras não têm substância nem perfil defini-

---

foi um dos dramaturgos melhor sucedidos na efetivação de mudanças substantivas no texto dramático e na reconfiguração das personagens, ao transformá-las em *personas* vazias, inviabilizando por completo a possibilidade de imitação de "pessoas reais" no palco. Ver a respeito Patrice Pavis, "Towards a semiology of the mise en scène", in *Languages of the stage*, New York, Performing Arts Journal Publications, 1982, p. 140; Richard Schechner, *Performance theory*, London, Routledge, 1988, p. 85; Martin Puchner, *Stage fright. Modernism, anti-theatricality & drama*, Baltimore e Londres, The Johns Hopkins University Press, 2002.

5. Na introdução de *Poétique du drame moderne, p.13*, Jean-Pierre Sarrazac afirma que a identidade entre forma e conteúdo é um dogma. "À luz da evolução das escrituras dramáticas nos últimos cinquenta anos, estamos inclinados a pensar em termos de coexistência e tensões necessárias aquilo que Szondi e Brecht consideravam, em seu tempo, contradições entre novos conteúdos e formas tradicionais, que era preciso superar. Para compreender as mutações da forma dramática entre os anos 1880 e o presente, temos que destacar a interferência de um fator com o qual Szondi, Lukács e Hegel jamais teriam sonhado: o reino da desordem. Temos que levar em conta o fato de que, a partir de Ibsen, Strindberg e Tchekhov até Kane, Fosse, Lagarce ou Danis, a dramaturgia moderna e contemporânea não parou de acolher a desordem ."

6. Ismail Xavier, "O cinema brasileiro dos anos 90", *Praga – estudos marxistas*, São Paulo, v.9, p. 110-111, 116-117.

dos. Alternam-se sem caracterização precisa, funcionando como porta-vozes do autor. O endereço ao antagonista, característico do diálogo dramático que movimenta a ação, é substituído pela interpelação indireta ao leitor ou ao futuro espectador, na verdade o interlocutor privilegiado que se procura. O jorro de confissões, comentários, relatos de fatos amplamente noticiados pela imprensa e o tom raivoso da linguagem às vezes escatológica e sempre impotente diante de situações insustentáveis, como os massacres recentes no país e no mundo, reforça a impressão de tratar-se de um regime infra-dramático. A impressão que se tem é que as figuras genéricas e os micro-conflitos são apenas esboçados e revelam uma espécie de subjetivação dos acontecimentos, invariavelmente mediados pela voz autoral.[7]

A inclinação reflexiva desse sujeito travestido em muitas vozes e em situações diversas apenas na aparência – além da casa de fazenda, uma escola de periferia e a sede de uma organização anônima – não consegue esconder o jorro da voz autoral e o ímpeto filosófico do comentário, que leva o questionamento a superar a ficcionalização. De certa forma, é como se a reflexão se destacasse da situação para se manter em sobrevôo, mudando de espaço e identidade conforme o contexto sugerido, mas mantendo regime discursivo semelhante.

Essa espécie de "polílogo" proferido por uma única voz dividida entre locutores múltiplos ressalta o ponto de vista do autor, uma espécie de princípio filosófico difuso responsável pelo pensamento da peça. Talvez o que oriente o procedimento seja a intenção implícita de testemunho: trata-se de relatar e comentar aspectos descosidos de uma realidade incômoda. Talvez por isso cada uma das figuras esboçadas pareça atuar como uma espécie de defensor de posições. Em última instância, são figuras genéricas que se reduzem a vozes que não agem, mas discorrem, comentam e narram, funcionando como meio de escrutínio da vida recente. O procedimento é reforçado pela recorrência de motivos nos três atos, com o retorno cíclico de certos refrões textuais, como o assassinato das trinta e nove mulheres, referido inicialmente pelo Travesti 1, no primeiro ato, para reaparecer na voz de Raquel no segundo.[8]

---

7. Na obra citada, Sarrazac considera os textos contemporâneos infra-dramáticos, já que não apresentam estrutura de personagens nem trama, mas apenas acontecimentos e micro-conflitos que se assemelham a "pequenas catástrofes" e se aproximam da fórmula de Samuel Beckett: "alguma coisa segue seu curso". Sarrazac também nota a extrema subjetivação dessa dramaturgia, que se apresenta com freqüência como um "teatro íntimo" de conflitos intrapsíquicos e reflexivos. (p. 79-80)

8. No mesmo estudo, Sarrazac sublinha a freqüência com que aparece a personagem transpessoal ou transidentitária na dramaturgia contemporânea , dando como exemplo os textos de Bernard-Marie Koltès, como *Roberto Zucco* (p. 239), as decupagens experimentais de Mi-

A circulação do mesmo texto por várias vozes reforça a impressão de uma subjetividade autoral exposta a partir de diversas instâncias enunciativas.

Além do mais, em toda a peça nota-se uma espécie de multiplicidade no tratamento do tema, que se revela em situações de autenticidade frágil, como a da escola de periferia que recebe a visita da atriz de seriados americanos. São exemplares do processo de transição de registro os desdobramentos das falas dos alunos de periferia e da mãe da atriz, uma figura só voz que dialoga com a filha pelo celular, listando uma sequência de lugares-comuns da vida norte-americana. No contraste entre as falas até certo ponto plausíveis dos alunos e a situação absurda, que omite os nexos causais da violência, percebe-se o interesse do dramaturgo pelo traçado naturalista, que nunca se completa, e pelo confronto entre mundos antitéticos.

A relação com o real ganha contornos mais imediatos no texto de F.A. Uchôa. *Revide* amplifica as muitas faces da intolerância e o amplo espectro das diferenças sociais, comprovando a atração da dramaturgia recente pelos territórios centrais da cidade, na criação de uma espécie de escritura-testemunho, marcada pela imbricação entre etnográfico e ficcional.[9] A tematização das recentes agressões homofóbicas que aconteceram na principal avenida de São Paulo é figurada no texto por meio de relações familiares, que envolvem pai e filho em um dos focos dramáticos, e dois irmãos em outro.

A perspectiva ambivalente da espreita e da necessidade de esconderijo define, pouco a pouco, o enredo de perigo e ataque iminente, a violência que o irmão da vítima testemunhou para em seguida agenciar e a quase dissolução do sujeito na paisagem urbana, que sugere a perda de limites entre indivíduo e cidade, morador e lugar público. Nesse sentido, é sintomático que, numa das falas dirigidas ao pai, o delinquente defenda o direito à agres-

---

chel Vinaver em *La demande d'emploi*, com uso recorrente de parataxe e justaposição (p. 332) - princípios que Lehman inclui nos procedimentos do teatro pós-dramático – e o trabalho do dramaturgo francês Jean-Luc Lagarce, "uma arte poética resolutamente moderna, quer dizer *menor*, que não se baseia no diálogo, mas numa sucessão de monólogos que não se fundem uns aos outros." Julga que a obra de Lagarce *J'étais dans ma maison et j'attendais que la pluie vienne* não é uma peça, mas uma sucessão de textos.(p.262- 263). Patrice Pavis também analisa o texto de Lagarce no livro *Le théâtre contemporain. Analyse des textes de Sarraute à Vinaver*, editado pela Nathan em 2002. Considera-o uma "dramaturgia dissolvente" e compara a progressão da escritura às "vagas sucessivas de uma maré", pelo caráter líquido, ondulante e musical das variações da mesma situação de espera. Na peça, a lenta agonia que foi a do próprio dramaturgo, morto aos trinta e seis anos, é sugerida por um ritual repetitivo de afirmações e contestações proferidas por cinco vozes difíceis de diferenciar. Ver a respeito o capítulo 9 do livro de Pavis, intitulado "Jean-Luc Lagarce. *J'étais dans ma maison et j'attendais que la pluie vienne, ou la lente pavane des femmes autour du lit d'um jeune homme endormi*", *p. 182-197*.

9. Segundo Flora Sussekind, o risco, sempre presente, é a reprodução de um repertório previsível de informações, configurando algo próximo do "neodocumentalismo" na ficção brasileira recente.

são pela posse do espaço urbano – "eu já morei na Paulista, você deixou o apartamento no meu nome" (p.42).

A descrição minuciosa da tortura final do agressor, com relato de membros trucidados e ossos expostos, cria um imaginário de restos humanos e fragmentação corporal característico da arte contemporânea, aproximando-se do registro direto do crime violento nas zonas urbanas.[10] Por outro lado, a globalização do espaço da metrópole é referida na constante mediação da "Âncora" de telejornal, que descreve os atentados e narra a progressão da trama, e na referência às redes sociais e ao mundo virtual do "inferno chamado internet" (p.48).

A questão das mídias retorna como foco central em *Metaplágio*, de Leandro Doregon. A paródia de programas radiofônicos com propostas interativas "ao vivo", no caso para audições musicais, projeta um contexto de imersão que inclui menções a conhecido apresentador de telejornal.[11] A situação se constitui na repetição de chavões conhecidos desse tipo de programa e compõe uma espécie de sobreposição de mascaramentos e mediações. A ideia mesma da personagem vampirizada pelas ficções radiofônicas, televisivas e cinematográficas, popularizada e reutilizada, cria uma sucessão de figuras sobrepostas que se embaralham e se deslocam. O tradicional motivo do disfarce e do embuste ligado ao ator reaparece como um pensamento recorrente sobre a atriz que está "sempre copiando as reações corporais e faciais alheias" (p. 63). A partir desse princípio, a sobreposição de máscaras da figura que representa a representação de outros, plagiando o plágio (daí a metalinguagem do título, de ressonância pirandelliana) é acentuada pelos efeitos retóricos que substituem a definição de seu perfil. Comparada aos heterônimos de Fernando Pessoa, a metamorfose é projetada em fluxos de palavra sem indicação clara de locutor. A alternância de vozes é indicada por itálicos e negritos, com direito à auto-ironia do questionamento: afinal, "quem é que está falando?" (p. 64).

As falas iniciais do apresentador, de extração cotidiana, entremeadas de palavrões, alternam-se a monólogos caudalosos, confessionais, que asso-

---

10. Flora Sussekind nota que "é via vitimização e figurações protéicas, aberrantes, que parece possível engendrar retratos ficcionais, subjetividades literárias, representações disformes da diferença, corpos culturais híbridos... ", op. cit., p. 18.

11. Lehmann nota que a tendência à paródia é um dos traços do teatro pós-dramático e a considera uma das variantes da intertextualidade. As narrações, os poemas cênicos, a interdisciplinaridade, os ensaios teóricos transformados em dramaturgia, os monólogos, a emergência dos coros como manifestação de coletivos parciais, o teatro do heterogêneo, que nasce do encontro entre uma concepção teórica, um dado técnico, uma expressão corporal colhida em sala de ensaio e uma imagem poética são outras ocorrências que o estudioso percebe na dramaturgia pós-dramática.

ciam catástrofes naturais a uma história de amor (a paixão é um "tsunami devastador") e reduzem a personagem a uma voz anônima que narra e se envolve numa espécie de comentário de si mesma e do mundo. Na posição distanciada de um *voyeur*, a voz autoral comenta fatos diversos que justapõe numa organização fragmentária, dando a impressão de mimetizar a explosão do mundo midiático e sua paisagem de disjunções. É perceptível que o dramaturgo atua como uma espécie de montador de fragmentos e define as figuras dramatúrgicas como vozes intermitentes, de existência precária, que se constituem por acúmulo de intervenções, às vezes sem relação aparente.[12]

A dramaturgia narrativa de caráter monológico ganha relevância no texto de Maria Shu, *Relógios de areia*. A tonalidade poética da epígrafe inicial, emprestada de Tadeu Renato, ressoa na rubrica de abertura, em que a autora revela intenções ao assumir o desafio à lei da gravidade. E às leis do drama, pode-se acrescentar. Pois a rubrica não funciona enquanto tal e os monólogos pontuados por haicais contundentes e belos ("nos porões a lua é uma hipótese") ganham contraponto de supostos diálogos, na verdade outros monólogos poéticos, desta vez justapostos, definindo um traço recorrente da dramaturgia contemporânea.[13]

Travestida em troca dialógica, a narrativa poética reúne, no início, Jonas e a baleia. Aproveitando a ressonância bíblica dos nomes, a dramaturga desencadeia um rico processo de associações entre o ato de engolir, antropofágico, e o desmembramento corporal do estivador no acidente de trabalho ("decepado, o braço acenou-lhe à distância"), a devoração dos filhos por figuras míticas como Cronos (que engole o tempo), a apropriação de resíduos de personagens de Nelson Rodrigues, fundidos no "negro rei" que mata filhos brancos e não se chama Ismael, mas Jonas, o "pai sagrado" de Glória, sempre pronto a comer meninas "novinhas". Participam da mesma cadeia associativa as barrigas de aluguel do mais recente comércio do corpo

---

12. Jean-Pierre Sarrazac aborda a crise da personagem em um dos verbetes do *Lexique du drame moderne et contemporain*, p. 150-155. Em livro escrito em parceria com Julie Sermon, *Le personnage théâtral contemporain: décomposition, recomposition* (Paris, Ed. Théatrales, 2006) Jean-Pierre Ryngaert analisa diversos textos teatrais contemporâneos e seus procedimentos dramatúrgicos, reportando-se ao novo estatuto da personagem na dramaturgia de Philippe Minyana, Daniel Danis, Valère Novarina, Michel Vinaver,Bernard-Marie Koltès, Jean-Luc Lagarce, Jon Fosse, Noëlle Renaude e Daniel Lemahieu, entre outros.

13. Para Christian Biet e Christophe Triau a dimensão lírica do material textual é uma constante na dramaturgia contemporânea. Nesse caso, a cena torna-se o lugar para se dizer o texto, entendido como um material cuja corporificação passa, em primeira instância, pela vocalização e pelo ritmo. Segundo os autores, a ação dramática e a personagem ficam em segundo plano, pois o que interessa é a revelação da palavra poética enquanto escritura e material. Ver a respeito *Qu'est-ce que le théâtre?*, Paris, Gallimard, 2006, p.803.

feminino, a caça a baleias prenhes, a refeição do marinheiro que engole dissabores. Os sentidos inesperados que as analogias produzem desembocam no fechamento do ciclo com final beckettiano, que "termina no começo". Jonas da Silva é a mula do narcotráfico que deveria carregar cocaína no estômago, mas engoliu cápsulas de sal.

É visível que o texto se constitui como uma espécie de problematização do processo dramático, dando margem a que a autora experimente variados exercícios de sobreposição de máscaras. Percebe-se que eles resultam no afrouxamento das personagens, ou em "impersonagens" que não se corporificam e oscilam entre falas poéticas e denúncias de toda ordem.[14] O recurso funciona, ao mesmo tempo, como mecanismo de exposição do narrador/protagonista, um duplo da autora, e de instabilização do processo ficcional em curso. A rejeição da forma dramática contínua em benefício de quadros autônomos é compensada pela interligação feita por essa voz autoral, que parece interpelar diretamente o leitor, e o futuro espectador.

A heterogeneidade do texto é tramada em variações de distância e tom, desestabilizações de perspectiva e enquadramento temporal, monólogos sucessivos que se deixam invadir por pausas e diagramas. Nessas passagens, a autora trabalha em regiões limítrofes entre o pictórico e o escrito, de parentesco distante com a poesia concreta. É inegável que apresenta tensões características da prática dramatúrgica contemporânea, em que parece não haver lugar para linguagens exclusivas nem fechamento definitivo, à semelhança do escoamento contínuo da areia na ampulheta. O trabalho de Maria Shu é um bom exemplo de textualidade marcada simultaneamente pela desconfiança de leis formais prévias e por uma lógica (ou "analógica") interna à própria obra.[15]

---

14. Sarrazac considera a "impersonagem" da dramaturgia contemporânea o resultado de uma espécie de decomposição da personagem íntegra do drama. Recorrendo ao filósofo Jean-Luc Nancy lembra que ela não existe enquanto ser ficcional, pois tornou-se sobretudo um lugar de enunciação, uma "densidade local da ação". Acrescenta que não apenas sua identidade vacila, mas também sua presença: difratada ou reduzida ao extremo, é uma espécie de figura genérica, com tendência à neutralidade, em que coexistem possibilidades contraditórias. O teórico francês faz uma excelente análise do tema no capítulo "L'Impersonnage", publicado em seu livro *Poétique du drame moderne. De Henrik Ibsen à Bernard-Marie Koltès*, Paris, Ed. Seuil, p.183-241.

15. Em vários aspectos, *Relógios de areia* se aproxima do que Hans-Thies Lehmann considera um texto teatral pós-dramático. Ao contrário do que muitos afirmam a partir de leitura apressada de *O teatro pós-dramático*, para o ensaísta alemão a cena pós-dramática não prescinde do texto. O que Lehmann defende é que apenas quando os meios teatrais se colocam no mesmo nível do texto, ou podem ser concebidos sem o texto, pode-se falar em teatro pós-dramático. Para comprovar a importância dada ao texto em seu estudo é suficiente notar que a dramaturgia de Heiner Müller funciona como um dos modelos do pós-dramático. De fato, nos textos de Müller há um processo de desdramatização levado a extremos, a ponto de

O experimento de textualidades de todo tipo, o aproveitamento de resíduos de outras obras, a ausência de foco definido nos quadros e a repetição de motivos enfatizam o caráter problemático da forma e da prática teatral na situação histórica específica desses dramaturgos, que dialogam com o contexto brasileiro e mundial. Talvez por isso as peças problematizem, de modo explícito ou velado, as noções de espaço e tempo unitários. É o caso de *Licantropia*, em que Tadeu Renato pratica uma espécie de transbordamento temporal e espacial, definido na tensão enunciativa entre memória rural e vivência urbana. O esboço de fábula cujo protagonista é o menino sem nome lembra vagamente poemas dramáticos de João Cabral de Melo Neto, especialmente pela presença avassaladora da memória na criação de uma atmosfera poética, amparada no inusitado da linguagem.

Para exercitar o memorialismo explícito, o autor aproxima-se tanto de uma perspectiva descritiva - como nas passagens em que recupera "a fazenda velha fincada entre as casas", o caminhão com bóias-frias, o fogo nos canaviais - quanto do exercício em primeira pessoa, a tal ponto informe que parece refletir a indistinção entre narrador e personagem/menino.

A arqueologia das palavras facilita a ressonância de tempos e espaços da "fazenda arcaica", relembrados nas "desoras", no "remigrar" constante das figuras e no "agraudar" e "tresvariar" do menino que corporifica um dos sentidos da licantropia. A terminologia inusual, as constantes referências ao "zarapelho, manfarro, atrolhado" que se pretende caçar, as colagens de

---

sua dramaturgia prescindir do conflito, do diálogo, da personagem e da ação. *Quartett, Medeamaterial* ou mesmo *Hamlet-machine* são tratados de argumentação em que o personagem expõe seus enunciados de modo arbitrário, por meio de longos monólogos que impedem a troca dialógica e imobilizam o desenvolvimento da suposta fábula, que nem chega a ser definida pelo dramaturgo. No caso de *Quartett,* baseada nas relações perigosas de Choderlos de Laclos, a rubrica inicial sugere um "bunker depois da terceira guerra mundial" onde se movimentam as figuras movediças de Valmont e Merteuil, trocando constantemente de papel como se fossem meras projeções do narrador. A identidade frágil força o espectador ou o leitor a olhar as personagens como meras funções de enunciação e não mais como sujeitos com autonomia ficcional suficiente que lhes permita ser agentes de um conflito dramático. Também as peças dos dramaturgos Michel Vinaver, Thomas Bernhard, Franz Xaver Kroetz, Wolfgang Bauer, Jan Fabre e Jan Lauwers, entre outros, são referidas no amplo espectro de manifestações que Lehmann considera pós-dramáticas. Além do mais, no apontamento histórico dos criadores que considera constituintes da pré-história do pós-dramático, Lehmann dá especial atenção a Gertrude Stein e as peças-paisagem, que rompem com a tradição do teatro dramático. A dramaturgia simbolista do final do século XIX também representa, para o ensaísta, uma etapa decisiva na via do teatro pós-dramático, pois seu caráter estático, com tendência ao monólogo poético, opõe-se frontalmente à dinâmica linear e progressiva do drama. Segundo sua concepção, os textos de Maurice Maeterlinck são a primeira dramaturgia anti-aristotélica da modernidade européia, cujo esquema não é mais a ação, mas a situação. Apesar disso, o autor belga não renuncia à ilusão da realidade, ruptura que só acontece com as formas pós-dramáticas do final do século XX.

palavras como lobisomentira, eumenina, setepele, luziluzindo ou girassolarados criam uma espécie de poesia do concreto. Responsável pela projeção de uma atmosfera visual e tátil de sensações que colabora para a fusão entre sujeito e mundo, como sintetiza o belo fragmento: "na escureza da meia-noite chovi/ até me espalhar na borda da estrada e virar rio/ e ser rio" (p. 116). O mecanismo associativo sugere a metamorfose de seres e coisas, remetendo à licantropia do título.

O texto faz contraponto à vertente predominantemente urbana das outras peças. Aproximando-se da alegoria, a figuração protéica do lobisomem é um modo de compor ficcionalmente a diferença e engendrar um corpo cultural híbrido, que vive em relação tensa com o processo histórico de urbanização e redefinição de identidades.

Nesse sentido, a licantropia alegoriza a busca infrutífera da identidade perdida. Na persistência de referências arcaicas e na evocação memorialista de um mundo em extinção expõe o imaginário urbano a partir de seu avesso e remete à cidade interior embutida na cidade atual: "nem parecia mais a mesma/a cidade que nem era cidade eram/casas agraudando em volta da fazenda/arcaica não mais/ era agora o horizonte na vertical/empinado que nem que não sei/uma casa na cabeça de outra na cabeça de outra na cabeça de outra/ninguém na rua sem fazenda sem poeira/lençol de asfalto nas trilhas de terra." (p. 118)

A tensão recorrente entre espaços limítrofes, íntimo e público, dado rural e cosmopolitismo, raiz regional e urbanidade, terra agreste e imaginário da metrópole, lobo e homem, produz uma espécie de desterritorialização do sujeito da narrativa, marcado pela flutuação e pelo desgarramento. O lobisomem é a figuração compósita de rural e urbano e a instabilização das fronteiras entre normalidade e patologia. Sujeito em trânsito, sempre à deriva, é fruto do processo de metamorfoses da identidade íntegra.

É interessante notar que esse sujeito é movido por uma indagação recorrente sobre o sentido da travessia e a instabilidade do novo horizonte que expõe na construção dramatúrgica. Híbrido de poesia, narrativa e diálogo, *Licantropia* inclui manifestações de um coro que nunca se constitui como alteridade, permanecendo como uma das vozes enunciativas do autor. Talvez por isso o texto tenha semelhança com um monodrama poético, que apaga as diferenças entre as personagens para se constituir nas vozes esparsas do menino, do pai, da mãe, do coro.

Se o desejo de formalização é visível no modo poético de configuração do texto, também é evidente uma espécie de hesitação das formas, como se o dramaturgo desfigurasse as cenas que acaba de compor. A tensão entre figuração e desfiguração que a alegoria do homem-lobo traduz, e que reme-

te à violência do homem lobo do homem, de certa forma ativa as mutações constantes do texto. As imagens-movimento traduzem a indagação recorrente sobre as margens e os limites do acontecimento teatral e da paisagem real, do desejo de formalização e da desmaterialização inevitável da forma dramática.[16] *Licantropia* funciona como analogia do processo de metamorfoses que mobiliza a criação da cena contemporânea.[17]

SILVIA FERNANDES

---

16. Flora Sussekind observa prática semelhante na literatura brasileira contemporânea quando se refere a um processo de composição tensionado internamente, por negatividade e resistência à unificação formal.

17. Lehmann observa que no teatro pós-dramático o esquema da ação é substituído pela estrutura da metamorfose. Em lugar do encadeamento dramático, os textos operam com base em jogos de surpresa, com diferentes seqüências e a aparição e desaparição de vozes e figuras, que substituem as personagens enquanto seres individualizados. As componentes estruturais e formais da língua enquanto campo de sonoridades e o desenvolvimento musical e rítmico do texto, com sua temporalidade própria, criam uma esfera poética de conotações distante das denotações claras da narrativa dramática. Em relação à produção de alguns dramaturgos, observa que seus textos não tem ação no sentido de desenvolvimento de uma fábula, mas ativam sua dinâmica por meio da mutação das situações, estruturando-se a partir de quadros provisórios, que viabilizam o encadeamento. Por outro lado, os diálogos dramáticos transformam-se em mero "combate oratório", competições de palavra características, por exemplo, da dramaturgia de Bernard-Marie Koltès.

SUMÁRIO

O Clube, 21
Afonso Junior Ferreira de Lima

Revide, 53
F. A. Uchôa

Metaplágio, 73
LeandroDoregon

relógios de areia, 83
Maria Shu

Licantropia, 103
Tadeu Renato

O Clube

Afonso Lima

ATO 1

(A sala de estar de uma mansão em uma fazenda. As paredes estão repletas de obras de arte, um busto de Darwin, uma escultura grega, máscaras de diversas etnias, os mais diversos *souvenirs* na lareira. Pilhas de livros por todo lado. Uma coleção de facas na parede. Algumas espingardas. Um Homem de meia idade, forte, de óculos e aparência serena, recebe dois travestis).

HOMEM

Já recebeu dois ao mesmo tempo?

TRAVESTI 2

Como você acumula coisas.

TRAVESTI 1

Não, mas eu já fiz com um de trinta centímetros.

HOMEM

E você?

TRAVESTI 2

Já.

TRAVESTI 1

Você parece muito rico. Dizem que cresceu muito o número de milionários no Brasil.

HOMEM (desinteressado)

Tenho essa fazenda.

TRAVESTI 1

E você, já fez com homem?

HOMEM

Nunca. Mas vocês não são homens... né? Um drink?

TRAVESTI 1

Dois *blended malt*, por favor.

HOMEM

Interessante. A bebida dos antigos revolucionários. Os tristes marxistas. Felizmente mortos.

(Vai até o bar em outra sala).

TRAVESTI 2

Não sei se devemos... Odeio sangue. Que merda!

TRAVESTI 1

Nem brinque. Temos um plano. Nunca vão nos pegar. Você sabe. As mulheres estão sumindo da região central. Alguma coisa terrível está acontecendo.

TRAVESTI 2

Mas e se não for ele? Faça-o confessar...

TRAVESTI 1

É claro que é ele. A polícia já veio duas vezes aqui, mas volta sem uma inspeção. Eles compram a polícia como compram todo o resto. Essa polícia que intimida manifestantes na universidade.

TRAVESTI 2

Os grevistas? Ou os estudantes? São moleques, maconheiros.

TRAVESTI 1

E daí? Agora a polícia persegue maconheiros? O reitor é fascista.

TRAVESTI 2

A tropa de choque teve de invadir...

TRAVESTI 1

29 mulheres. Seus corpos devem estar enterrados ao lado do celeiro. Nós fugimos do inferno. O clube, lembra? O Clube da Vingança.

HOMEM (voltando)

Aqui. *Scotch* fresco.

TRAVESTI 1

Então você tem uma empresa enorme...

HOMEM

Eu gosto de arrombar o rabo.

TRAVESTI 1

Mas quão enorme pode ser?

HOMEM

Enorme. Eu entro sem dó e rasgo tudo, gosto – de ver gritar e gemer. Eu quero tudo, sem obstáculos.

TRAVESTI 2

Esse é o negócio. Sem obstáculos. Sem concorrência. Sem disputa. Tudo inteiro.

HOMEM

Tudo, inteiro.

TRAVESTI 2

Pense no mundo de hoje. Agora são só empresas enormes com enormes campanhas de marketing.

HOMEM

Você já deixou meterem a mão em você?

TRAVESTI 1

A mão?

TRAVESTI 2

Eu já. Só um namorado. É algo poético, um gesto de amor físico, entrega total.

HOMEM

E se eu pagar?

TRAVESTI 1

Isso. Use a sua persuasão. Já ouviu falar em fabricação do consentimento?

HOMEM

O quê?

TRAVESTI 1

Fabricação do consentimento. Edward Bernays era sobrinho de Freud e trabalhava para a Tobacco Company. Descobriu que as mulheres não fumavam porque cigarro era um símbolo do poder dos homens. Contratou um grupo de mulheres para se vestir como sufragistas modernas. Elas posaram para os jornais defendendo o cigarro como "chama da liberdade". Pegou. É possível convencer qualquer pessoa de qualquer coisa.

HOMEM (distante)

Claro. Principalmente muitas pessoas de qualquer coisa. A democracia acabou.

TRAVESTI 1

Temos uma amiga, moradora de rua – bem, era nossa amiga – que sumiu...

HOMEM

Sumiu?

TRAVESTI 1

Talvez tenha morrido. Dizem que os funcionários da prefeitura jogam água nas pessoas que dormem na rua fingindo estar limpando. Os serviços médicos não os socorrem quando chamados. Alguns dias, cai muita chuva, uma chuva pesada e constante. Muitos morreram de tuberculose. Ou então

os comerciantes deixavam escorrer fios de água na calçada, para evitar gente em frente às vitrines.

HOMEM (cansado)

Sem dúvida. Melhorias. Acabar com as drogas. Temos de compreender o mecanismo e a motivação da mente coletiva. Governantes absolutos e propaganda política.

TRAVESTI 1

Um policial da região começou uma pesquisa e descobriu que 29 mulheres haviam desaparecido. 29 mulheres. O delegado acabou por demiti-lo.

HOMEM

O presidente Roosevelt chegou a falar de um... governo invisível, é verdade. (silêncio)

TRAVESTI 1

Vou pegar outro *vatted*. (Sai)

HOMEM

Você me ajuda? Quero me livrar de sua amiga. Você gosta de sentir dor? Eu posso... Vejo você como presidente de uma ONG. Para ajudar as trans. Eu posso...

TRAVESTI 2

E a sua mulher? Essa foto é dela, não?

HOMEM (chateado)

O que tem ela?

(Volta Travesti 1)

TRAVESTI 2

Parece uma atriz, algo importante, parece uma atriz ou algo assim.

HOMEM

De fato. Somos. Ela não sabe quem eu sou e eu não sei quem ela é.

TRAVESTI 1

Eu gosto de escrever histórias assustadoras de crimes.

HOMEM (desinteressado)

As histórias de crimes sempre devem ser assustadoras.

TRAVESTI 1

29 mulheres. Quem mataria 29 mulheres?

HOMEM

Todos temos um demônio, um bicho, esperando o momento de sair. Não é o que dizem?

TRAVESTI 2 (irônica)

Posso ir no toalete? Tenho uma faca na bolsa e quero afiá-la (ri).

HOMEM

Sim, dobrando à esquerda.

(Ficam apenas os dois).

HOMEM

Eu sei o que vocês querem.

TRAVESTI 2

Como?

HOMEM

Querem se vingar. Não cheguei até aqui...

TRAVESTI 2

Eu...

HOMEM

Quanto você quer? Pago – pago para matar apenas quem eu quero. Quando ela me golpear, ou amarrar, ou ferir, você dá um tiro nela. Pegue uma das facas. Ou das espingardas.

TRAVESTI 2

Que horror! Você é maluco... Eu... Bem... Quanto? 500 mil Reais?

HOMEM

Fechado. O mesmo preço do presidente da Câmara.

(Entra Travesti 1)

TRAVESTI 1

Imagine se ela foi morta por um *serial killer*, ou algo do tipo. Essa amiga morava nas ruas há muito tempo. Gostava de ler. Tinha uma mãe, mas ela morreu. Viveu com sua irmã na casa de uma tia, como criada, mas ela também morreu. Os albergues foram fechados. Ela sempre dizia que, na rua, encher a cara é a única saída para não enlouquecer. Já viu pessoas colocarem fogo em velhos. Tem a polícia. Imagine...

HOMEM

Gosto de conversar com vocês. Tudo fica mais... Mais emocionante.

TRAVESTI 1

Imagine se pudesse fazer tudo. Tudo, qualquer coisa. Mostrar sua força, penetrar no corpo, na mente de milhares de pessoas. Você bateria em sua mulher? Você faria a era nuclear? Você deixaria um cachorro morrer de fome trancado atrás de grades só para vê-lo definhar?

TRAVESTI 2

Eu já bati em um homem com uma barra de ferro.

HOMEM

Eu já bati na minha mulher. Muito. Eu tentei enfiar uma faca nela, ela lutou por sua vida. Ficou internada muito tempo. Mas passou. Agora somos felizes. Muito felizes.

TRAVESTI 1 (para si mesmo)

A besta em mim quer sangue.

HOMEM

Um amigo conta que tinha um pônei. Sim, um pônei pequeno que era muito tarado. Um dia propôs à sua mulher que ficasse de quatro para o pônei colocar seu cacete de vinte e oito centímetros nela. Ela gostou, mas depois foi embora. Então, ele começou a chamar viados, que fodia e depois colocava sobre as costas deles cobertores. O bicho. E as costas deles ficavam um pouco machucadas, mas eles sempre voltavam. Gemiam muito e sempre voltavam.

TRAVESTI 1 (para si mesmo)

Eu sempre quis comer bichos vivos.

HOMEM

E vocês não tem medo? Não tem medo? Sei lá, sabe os gays atacados com lâmpadas fluorescentes na Avenida Paulista? Ou aqueles que ficaram em coma por causa dos chutes e socos na cabeça? Gostam de sentir dor?

TRAVESTI 2 (refletindo)

Eu sinto como se... meu corpo não é meu.

TRAVESTI 1

Mas isso é ser brasileiro. Ser humilhado pelo professor; ser humilhado pelo funcionário do balcão; ser humilhado pelo policial; ser humilhado pelo intelectual; ser humilhado pelo prefeito. Ser brasileiro é ficar numa fila de cinquenta metros para entrar na estação de metrô mesmo com chuva; ser brasileiro é estar num ônibus, estar no seu ônibus indo pro trabalho, ser assaltado e receber catorze disparos da polícia.

TRAVESTI 2

Merda.

TRAVESTI 1

Ser brasileiro é ver o Senado pagar salários acima do estabelecido pela lei; ser brasileiro é morrer na frente do hospital grávida de gêmeos. Viva o brasileiro.

TRAVESTI 2

Merda. Eu não quero nada disso! Eu odeio sangue! Eu não nasci para ser... uma vingadora!

TRAVESTI 1

Agora chega. É hora de você ficar com medo. (Tira uma arma da sacola). Levante as mãos e fique quietinho.

HOMEM

Não seja ridículo.

TRAVESTI 1

Às vezes quero simplemente escrever uma carta para...

Senhor prefeito: Os velhos morrem de fome nas calçadas. As escolas, em ruínas. O império do cimento comanda – não participamos.

Por que o senhor deixou essa cidade abandonada?

Por que os senhor deixou o seu trabalho e passou a fazer política, negócios, em viagens e discussões com líderes de partido, futuros aliados, novos nomes para as velhas coisas feias?

Por que somos bilionários, somos bilionários, somos os maiores compradores de cinzeiros de prata e lustres de diamante e os lixões estão cheios de jovens?

Por que as crianças estão sem creches?

Por que o tempo de espera na fila de um posto de saúde, que sempre foi imenso, é maior agora?

Por que tanto lixo, por que as treze mil toneladas diárias de restos dessa cidade – toneladas de restos, plástico e alimento – são misturados? E vão para um lixão e não para jardins como adubo?

Por que das duzentas metas de melhoria e de renovação só quarenta foram cumpridas?

A cidade movimenta 900 bilhões por ano e tem 2.600 favelas! 2.627 favelas!

Por que aqueles subprefeitos responsáveis por cuidar dos bairros são trocados todo o mês? E esses subprefeitos estão sem dinheiro até mesmo para serem bons zeladores? Por que são todos coronéis aposentados?

TRAVESTI 2 (pensativa)

Somos blocos de concreto carregados de lá pra cá como massa; somos conceitos em livros e números nas experiências de técnicos. Somos totalmente, completamente, explicados até a medula. Isso nos adoece. Como fazer a mim mesmo, como me fazer num mundo onde tsunamis – técnicas, teorias e poder – te jogam de um lado para o outro? (continua "carta")

TRAVESTI 1 (volta)

Senhor prefeito: O senhor não tem vergonha de ter se tornado aquele que vende ouro falso? E nossos "representantes", carimbando leis do Luís Filipe?

Por que foram deixadas as regiões do centro abandonadas, com tanta sujeira? E as pessoas abandonadas, viciadas, loucas, que nelas chegam formando exércitos de mortos-vivos – sem nada, nenhum, nenhuma forma de tratamento?

Por que o senhor está removendo milhares de pessoas – removendo milhares de velhos, crianças, trabalhadores – para fazer imensos, caros, túneis inúteis? E um mega, um mega centro de exposições luxuosas?

HOMEM

Somos Moloch, pedra, petróleo e máquinas; nós tiramos o sangue das pessoas para que não possam pensar e comemos o cérebro de seus filhos

para que só tenham sonhos egoístas e durmam com medo, em silêncio, enquanto erguemos torres de Apocalipse e guerra.

TRAVESTI 1 (retoma)

Por que as pessoas estão sendo expulsas do centro para liberar o chão para as construtoras, para as construtoras erguerem edifícios elegantes? Com a ajuda do seu amigo juiz? Edifícios para ricos, quando faltam 1 milhão de casas na cidade?

Viu na TV aquela mulher que, no teto de uma casa, na chuva, cercada por um rio que transbordou, com seu cachorro nos braços, tenta pegar uma corda para fugir? E acaba tendo de deixar seu cachorro ir embora na correnteza para se salvar?

Por que não fez nada para evitar as novas enchentes – e, de novo, esse ano, serão mais de dois mil desabrigados com as chuvas?

Tem a ver com esse homem? Foi esse homem e seu clube? Seu clube de milionários?

HOMEM

Eu vou colocar seu coração na minha mesa – e sua traquéia, seus testículos e seu intestino. E vou brincar sentindo a maciez deles nas mãos. Eu vou apertar seu fígado na mão e lamber o sangue.

TRAVESTI 1

Fala muito para um rei morto.

HOMEM

Não seja ridículo. Ou ridícula. Sei lá o que significa uma aberração como você.

(Ela dá um tiro na perna dele).

Seu desgraçado! Seu viado podre! Você acha que eu, eu, EU, vou cair por causa de você?

TRAVESTI 1

Não sou viado, sou uma mulher. E é por isso que eu odeio pessoas ignorantes como você. Foram vocês que deram o golpe. Coronelópolis. Sprozac. Paulicérgica oligárquica. Amarre esse filho da puta. Para a cerimônia. O ritual. Pegue a faca. Somos o Clube. Somos maioria. Estamos por cima e vamos nos vingar.

(Travesti 2 amarra o homem).

TRAVESTI 1 (Enquanto fala, tira da bolsa uma vela, a qual acende, e um vidro com sal e faz um círculo ao redor do homem.)

Em nome da ordem, vocês param as pessoas na rua e as revistam. Em nome do progresso, colocam a baixo as casas de quarenta mil pessoas. Demolindo. Em nome da ordem, vocês atiram nas pessoas. Em nome da ordem, você põe generais para nos vigiar na prefeitura e manda que persigam gente pobre, gente que tem de vender coisas na rua e fez casas em terrenos abandonados porque não tem onde morar. Joga tudo na rua. Você vende nossos teatros, nosso verde, nossas bibliotecas, e transforma tudo em cimento, e você fecha os albergues onde os miseráveis dormiam. Em nome da ordem, perdemos nossa vida.

HOMEM

Não seja ridículo. (Travesti 1 começa a quebrar objetos e atira no busto de Darwin).

TRAVESTI 1

Os moradores não podem opinar: pagando bem, que mal tem? As assembleias do povo são chamadas às pressas e temos metade de um tempo curto para dizer o que pensamos. O progresso. Um carro negro tão comprido, o carro do rei, preto, com seis portas, como um dragão de metal negro na praça cheia de mendigos, passa em silêncio majestoso. Nossa nobreza. Gritamos para salvar nossas casas, nossas raízes, mas a especulação, o mercado, passam por cima. Os deputados têm um preço, você diz, os vereadores têm um preço. Fabricar consentimento. Temos de acabar com todos os rebeldes para manter a ordem, você diz. Todos dizem que é hora de eu crescer.

(Coloca a arma na cabeça do Homem).

TRAVESTI 1

Corte a língua dele.

HOMEM

Você acha que vai sair dessa? Fui eu que degolei aquelas mulheres, sim, eu as degolei nas ruas escuras do centro abandonado, na vitoriana Whitechapel. Porque eram putas, porque eram minhas, porque eu posso. Porque o sangue inferior está contaminando nossa gente. Tudo está mudando rápido demais e são pessoas como vocês que estão promovendo o caos. Vagabundos, prostitutas, bandidos. Vocês não são ninguém. São alimento. Animais. Eu

preservo metade de um fígado humano no álcool e vou mandar pra polícia. A outra metade eu como. Meu nome é Jack. Eu sou uma besta sanguinária. Eu mato. Trabalho com seleção artificial. Seu viado de merda, sua bicha burra.

TRAVESTI 1

Vai ficar ótimo.

HOMEM

O quê?

TRAVESTI 1

O livro.

HOMEM (para Travesti 2)

Vamos. Solte-me! Vamos sua bicha! Agora é a hora!

TRAVESTI 1

Então ele acreditou? Eu não disse? E você? Viu como eles acreditam? Viu como eles acreditam? Que todos nós somos corruptos?

(Afasta-se e atira dez vezes no Homem).

TRAVESTI 1

Sempre quis comer coisas vivas.

Fim do Ato I.

ATO 2

(Uma escola pública. Ambiente decadente, sombrio. Janela ao fundo, iluminada, com cortinas brancas. Uma mesa para conferência, com algumas flores. O diretor aguarda com um buquê de flores junto com o segurança próximo à porta. Os alunos, imóveis, são a plateia. Tem um pônei vivo na sala).

SEGURANÇA

Será que ela já deu o rabo? Pra um caralho tipo vinte e oito centímetros?

DIRETOR

Isso é coisa que se diga de uma estrela?

SEGURANÇA

Atriz de série americana não é estrela.

DIRETOR

Depois de tudo que ela passou. (Olhando o pônei). Caralho. Aula de ecologia é uma coisa... Mas precisava ele cagar na sala?

SEGURANÇA

O que leva ela a dar palestra em escola da periferia? Por quê? Ah. Os sonhos. Os sonhos, claro! O inconsciente! Sabia que os gregos tinham quatro tipos de sonho?

DIRETOR

É um doce de pessoa. Gentil. Bela. Depois de tudo que ela passou. Só espero que ninguém faça nenhuma merda. Que tudo dê certo.

SEGURANÇA

Sonhos simples, pesadelos, sonhos de realizar desejos, parapsicológicos e oráculos. Sandman, diretor, Sandman.

DIRETOR

Aposto que ela sonha sim com seguranças, policiais, um camelô fortão e um soldado do tráfico que batem nela e gozam na sua cara. Mas isso não é coisa que se diga de uma estrela. E lembre-se. Não pode falar. Falar naquilo.

(Ela entra).

DIRETOR (sem palavras)

Que honra! Que honra!

RAQUEL (simples, calma, distante)

Olá, bom dia. Tudo bem? Como vai? Que prazer! Só que... meu Deus! Que barulho! Que calor! Mas eu gosto. Dar amor aos meus menininhos. Eu gosto. Fomentar a cultura. Só que... eu quero sair o mais rápido possível. Sabe, compromissos. Quero sair o mais rápido possível. Ai, nove horas de avião desde Nova Iorque! Nove horas e duas horas de carro pra chegar.

SEGURANÇA

Eu fico três horas no ônibus todo dia dona. O transporte nessa cidade.

DIRETOR

Cala a boca! Ah, olha, as flores, olha, eu.

RAQUEL

Quieto! Estou concentrada. Como é mesmo?

"Eu entendo vocês. Eu sei. Não é fácil ser pobre. (olhos úmidos) Eu deixei de ir nas aulas várias vezes porque não tinha dinheiro para pagar o ônibus. Nos dias frios, de geada, eu andava de pés nus e eles doíam, era terrível só ter chinelas quando as meninas todas tinham sapatos. Lutem. Essa mundo é dos vencedores".

DIRETOR

Isso é verdade?

RAQUEL

O que você quer dizer? Com "verdade"?

DIRETOR

É.

RAQUEL

Trata-se de "empatia". E formação da consciência.

SEGURANÇA

Fabricação da consciência?

DIRETOR

Ah. Eu tenho que lhe fazer um pedido um tanto... excêntrico.

RAQUEL

Como?

DIRETOR

É que temos alguns assuntos. Que são tabus para nós.

RAQUEL

Não se preocupe, não falo da minha vida privada.

DIRETOR

Eu quero dizer... CERTOS assuntos.

RAQUEL

Seja mais claro.

DIRETOR

Assuntos. (Tenta gesticular "drogas"). Sabe. Negócios. Fritar o cérebro.

ALUNOS

Ela chegou! (Os alunos tentam cercar a atriz e são impedidos pelo segurança).

SEGURANÇA

Vamos, vamos. Querem parecer aqueles paparazzi que cercam as casas, os filhos, e fazem terror com as celebridades? Querem que ela chame a polícia? *La dolce vita*?

DIRETOR

Por favor, sente-se. (Ela senta na mesa). Queridos alunos, senhoras e senhores, é com intensa emoção. A estrela de "Nove dias sem pecado", a grande.

ALUNO 3

É verdade que você vendeu sua mansão porque. **(como se fosse..., mas é ponto final)**

ALUNA

Vocês vão ficar babando na dessa mocreia? Sabem quem era o marido dela?

DIRETOR

Silêncio! Recebemos com prazer.

RAQUEL **(irritada)**

Ah, quem não me conhece? Sintetiza. **(Muda o tom)** Queridos, como vão? É um prazer estar aqui. É... uma experiência única. Adoro. Vocês são fofos, uns amores. (pausa) Eu sinto muito. Eu sinto muito, eu tenho de ser sincera. Minha terapeuta diz. Eu tenho de olhar nos olhos de vocês e ser sincera. Somos amigos, não? (pausa) O que eu realmente queria dizer. O que eu queria. Gosto se aprende, né? Gosto se aprende, e tudo se aprende, eu acho. Não é bem uma sub-raça. Vocês são feios. Falam errado. Se vestem errado. São lentos. São deformados, têm um tipo de doença, falam sozinhos, falam com estranhos, têm gordura localizada e velhice. Depois de 500 anos

formou-se "tipo" duas formas de viver, duas tribos, com línguas diferentes. Não tem mais jeito.

ALUNO 1

Com licença, o que a senhora queria dizer com feios? Tipo Tarantino?

(Ouve-se um barulho de sirenes e gritos que vem de fora da escola. A voz de policiais em um megafone. O diretor olha pela janela).

VOZ

Atenção! Atenção!

RAQUEL

O que é isso?

DIRETOR

Meu Deus! A polícia cercou a escola! A polícia está cercando a escola!

RAQUEL

Como?

DIRETOR

A polícia cercou a escola!

RAQUEL

Não pode ser. Não pode ser. Não! Não! Não! Vai acontecer de novo! De novo! Vão tentar me matar!

DIRETOR

Não pode ser. Não pode ser. Que merda!

ALUNO 1

Puta que pariu! "Caiu"! Vão "estrelar"[1]! Caralho!

RAQUEL

Mas o que eles querem? O que eles.

---

1. Tiros.

DIRETOR

É que um de nossos alunos é. Sabe? É.

RAQUEL

Ah, Jesus, é aquela coisa de "palavra secreta"? Fala, porra!

DIRETOR

Chefe. Do negócio. Sabe?

RAQUEL

O quê? O quê? Um desses moleques? Desses fedelhos que só sabem bater punheta na internet?

DIRETOR

É. É chefe.

RAQUEL

Seus maníacos, seus inconsequentes, seus burros! Me trazem pra...

SEGURANÇA

Cala a boca, estrela. Não percebeu que a coisa fedeu?

POLÍCIA

A escola está cercada! Mano, saia com as mãos pra cima ou vamos explodir. Ou vamos invadir.

DIRETOR

Invadir?

POLÍCIA

Estamos fortemente armados! É melhor você se render! Só queremos você! É só você, Mano! Não estamos brincando. Saia agora!

ALUNO 1 (sacando a arma da mochila. Aluno 3 também pega uma arma).

Fala pra ele diretor. Que... Fala pra ele que...

Eu não vou sair! Nem adianta! Fala pra ele que vou explodir todo o bairro como. Estamos por todo canto. Somos a vingança. Calma, dona. Calma! Não vou deixar uma bala perdida entrar no seu pulmão, não vou deixar o gás lacrimogênio, o fogo, as granadas, se tiver. Tudo vai dar certo.

ALUNA (pegando um canivete grande da mochila)

Por mim pode matar essa puta. Vocês nos ensinaram a guerra. Se eu fosse um hacker, derrubava o avião da piranha. Por mim esse pônei podia meter 48 centímetros nela.

(Voz mecânica vem de fora, pelo celular amplificado).

MAE

Minha filha!

RAQUEL

Mãe?

MÃE

Minha filha! O que foi acontecer?

RAQUEL

Mãe? O que a senhora? Como a senhora?

MÃE

Filha! Que horror! O que está acontecendo aí? O que está acontecendo aí?

RAQUEL

Mãe, nem eu sei o que está acontecendo aqui. Mãe... me deixa em paz. Volta pro seu *shopping*. Pra sua novela. Vai tomar chá com as vizinhas, falar mal dos migrantes.

MÃE

Diga para se entregarem! Diga para se entregarem e aceitarem a prisão. Vão ficar ganhando comida, sem fazer nada, só mamando às nossas custas, esses vagabundos! E se você sair morta em todos os jornais? Isso é porque você não me ouve! Volta pra sua casa!

RAQUEL

Mãe, que é isso? Tá maluca? Pára. Não é brincadeira. Pára.

MÃE (séria)

Ah, filha, eu espero que você sobreviva! Eu te perdoo por tudo que você me fez. Por tudo que fez ao seu irmão.

RAQUEL

Mãe, cala a boca! Mãe, some, vaza, pelo amor de Deus!

MÃE

Filha, coragem. E se der tudo certo... Espero que dê, se der certo... Não esqueça do jantar do Luiz no domingo.

ENTREVISTADORA

Alô? Raquel?

RAQUEL

Quem é?

ENTREVISTADORA

Sou Solange Freitas, da TV.

RAQUEL

Da TV?

ENTREVISTADORA

Querida, estamos com você.

RAQUEL

Comigo?

ENTREVISTADORA

Estamos com você. Depois de tudo que passou. E nossa imagem no exterior. Agora que somos um gigante da economia. Somos a sexta economia do planeta! Estamos entre os mais ricos! Quando sair daí, se sair, queremos a primeira.

RAQUEL

Comigo? Vocês não estão comigo porra nenhuma! Eu é que estou comigo nessa escola dos infernos cercada de traficantes e policiais. Corruptos! Provavelmente corruptos.

ENTREVISTADORA

Nós compreendemos.

RAQUEL

Cala a boca, sua maluca! Cala a boca e para de usar minha voz sem direitos autorais. Meu advogado. **(como se fosse...)**

ENTREVISTADORA

Se algo acontecer com você ou com essas crianças. Eu prometo.

RAQUEL

Louca! Cala a boca! Urubu! Vaza!

DIRETOR

Meu Deus, que vergonha! Que vergonha, você aqui e...

RAQUEL

Cala a boca!

POLÍCIA

Vocês têm dez minutos ou vamos invadir. Não matem os reféns!

ALUNO 1

Não vamos sair merda nenhuma! Vocês vão "cair", meu pessoal apaga um por um de vocês! "É nós na fita"!

SEGURANÇA

Como assim "não matem os reféns"? Como assim "não matem os reféns", seus idiotas!

RAQUEL

Mas o que aconteceu? Você deve ter catorze anos. Nem deve ter trepado ainda. Devia estar jogando *videogame*. Comendo pipoca e falando alto no cinema, perdendo tempo na frente da TV, fumando maconha. Por que você entrou nessa?

ALUNA

Ah, olha a vaca! Vive em Nova Iorque, a puta!

ALUNO 1

Ah, dona. Olha esse lugar.

RAQUEL

É uma escola. Vocês têm a chance.

ALUNO 1

Ah, dona. Olha esse lugar. Escuro e úmido. Parece uma escola? Um professor ganha dez Reais a hora.

ALUNO 3

E um café da manhã numa padaria chique custa vinte e oito Reais.

RAQUEL

Dez Reais a hora? Um professor?

DIRETOR

Onze. Onze Reais. Foi reajustado.

ALUNO 3

Com 55 alunos por sala.

RAQUEL

Mesmo? Isso é. Cinco dólares?

ALUNO 4

Aquela modelo brasileira. Ela ganhou um milhão para fazer um desfile ano passado na semana de moda.

ALUNO 1

Sempre fomos tratados como animais.

ALUNO 3

Cinco milhões de brasileiros não tem renda alguma. Sabe? Nada, nada, nenhuma. Cinco milhões. Miseráveis.

ALUNO 4

Começa na cadeia. Péssima qualidade da comida, tratamento indigno. O judiciário é lento, lento, lento, deixa morrer lá, passamos por "sofrimentos atrozes", injustiças, humilhações, opressão e massacres nas prisões. Um Campo de Concentração. Lembra, mataram 111 presos sem dó no Carandiru. Assim, entraram e massacraram. Isso jamais será esquecido. Um sindicato. Pra defender seus direitos. É o que os humilhados precisam. E foi o que fizeram.

ALUNO 1

Cresceu. São mais de 500 mil agora.

ALUNA

Uns anos atrás. A cidade de São Paulo, com seus arranha-céus de vidro, helicópteros e a indústria mais poderosa, virou uma cidade fantasma. Ninguém na rua. Dezenove milhões e ninguém na rua. Mais de oitenta ônibus incendiados, delegacias, fóruns, bombas em dezessete agências bancárias, o comércio, as escolas, tudo fechado, ordem de matar policiais, entrar nas suas residências, metralhar delegados, agentes penitenciários, até bombeiros.

ALUNO 3

Jovens com fuzis pela rua, granadas e bombas. Carros incendiados na garagem da polícia. Fogo, fogo por toda a cidade.

SEGURANÇA

O comando do governo disse que sabia que ia acontecer isso. Por que não avisou os policiais? 48 mortos em quatro dias. Três cidadãos comuns.

ALUNO 1

Por quê? Gota d'água. Ficaram dois dias sem comer. Os chefes. Humilhação.

SEGURANÇA

E dizem que policiais sequestraram o filho do chefão. Queriam R$ 300 mil.

ALUNO 3

O problema disso tudo... é que dançam os chefes. Se ficam ricos podem comprar roupas de grife e carros importados, mas. Eles dançam quando, sabe, muda a chefia. Um cabo de vassoura afiado foi a lança no pescoço do chefão, e no peito. Ele era arrogante.

POLÍCIA

Vamos entrar! Não matem os reféns! Não matem os reféns!

DIRETOR (olha pela janela)

O que é aquilo? Um tigre?

SEGURANÇA

Será o tigre farejador da polícia?

(Raquel olha pela janela).

RAQUEL

Estou vendo. O que é isso? O que é isso? Estou alucinando? Meu Deus, são cadáveres! Cadáveres! Um, dois. Dez. Vinte e nove. São corpos de mulheres? São corpos de mulheres!

DIRETOR

Serão restos da ditadura? Serão mortos na guerra do tráfico? Serão...

RAQUEL

São corpos de mulheres em putrefação! Meu Deus.

POLÍCIA

Saiam agora! Saiam! Seus miseráveis, seus animais! Vamos colocar a baixo. Demolir. Vamos explodir tudo! (A fumaça de gás lacrimogênio invade a sala)

DIRETOR

Seus malucos! Temos crianças aqui dentro! Vocês querem uma tragédia?

RAQUEL

Ah, meu Deus, isso é uma porra de um Buñuel, uma porra de um Bergman, uma porra de alguma coisa! É por isso que eu odeio esse país! Maldita hora que meu avô... resolveu cantar ópera e querer provar que era homem. A puta da minha avó.

SEGURANÇA

Isso deve ser o tipo de sonho pesadelo. Tudo dentro do crânio. Realidade virtual.

RAQUEL

Agora estou. Tem que ser um pesadelo. Tem que ser um pesadelo. Tem que ser um pesadelo. (pausa) E se for do tipo de pesadelo que você acorda e está num pesadelo pior. Pior. Pesadelo contínuo?

SEGURANÇA

Sandman.

POLÍCIA

Vamos contar até dez! Vamos explodir! Um. Dois.

RAQUEL

Como assim, explodir? Quero acordar! Eu quero acordar!

SEGURANÇA

Se vamos morrer preciso saber. Desculpe, mas preciso saber. A senhora já deu o rabo? Pra um caralho tipo vinte e oito centímetros?

(Explode toda a escola. Fumaça dos escombros).

Fim do Ato II

ATO 3

(Uma sala branca com duas janelas e uma mesa branca, cujo arranjo lembra um crânio – olhos e dentes. Dois hackers ou, talvez, partes do mesmo homem. Agora busca-se o tom impessoal, narrativo ou discursivo, distanciado, como se as organizações anônimas que desejam derrubar os sistemas fossem elas próprias compostas por subjetividades globais, despersonalizadas, transitáveis, no estilo "o que eu faço define quem eu sou." Ou estes homens só contaram muitas vezes para si o motivo pelo qual vão derrubar o mundo. Um computador, um crânio, um busto de Darwin e um sofá.)

HOMEM 1 **(sobre uma opção de vírus)**

Cavalo de Troia?

HOMEM 2 **(citando falas oficiais de cunho imperialista)**

"O objetivo do meu governo é derrubar esse filho da puta".

HOMEM 1

"Se e quando optarmos pela violência, ele deverá se tornar o foco de nossas atenções".

HOMEM 2

"Não cometemos assassinatos, mas, sim, elegemos como alvo todos os locais onde ele possa estar".

HOMEM 1

Uma mansão. Livros. Uma escultura. Sonhei com dois travestis. Eles amarravam um homem. A floresta, a névoa, facas e sangue. A lua entre as árvores. "Eu gosto de escever crimes" – ela dizia. **(Outro tom)** Cavalo de Troia?

HOMEM 2 (citando manchetes sobre a crise de 2008)

"Nunca mais nada será como antes". "Um mundo à beira do abismo".

HOMEM 1

"Atualmente somos todos socialistas". "Repensemos Marx para encontrar os meios de salvar o capitalismo".

HOMEM 2

"Estará o capitalismo morto?"

HOMEM 1

Os Estados Unidos deram US$ 17,4 bilhões para salvar corporações. O Canadá deu US$ 3,3 bilhões. Agora são só empresas enormes.

HOMEM 2

Governo invisível. Fabricação. Do consentimento.

HOMEM 1

Você é um perdedor nato que chega sempre em casa e entra na rede para ver pornografia, games, livros do Google e vídeos engraçados. E você vai numa sinfonia, com o convite que ganhou de seu amigo, e conhece uma moça com uma luz, umas sardas e ela é inteligente e não te trata como uma barata como as novas mulheres arrogantes. E vocês

HOMEM 2

vão ao cinema, e vocês transam no seu apartamento rapidamente limpo e arrumado e sem pedaços de pizza. E tem até uma flor na mesa. E ela adora seus bonecos de heróis e fica maravilhada com seus arquivos de filmes raros, seus lindos *designs* para as empresas globais,

HOMEM 1

e ela volta e volta. Então vocês estão como que noivos, numa cidade que parece o inferno de pedra, e você vê agora o mundo como um grande

HOMEM 2

organismo

HOMEM 1

pulsando, o globo das oportunidades, você trabalha para o Norte e ama no Sul, e acredita que o sol vai brilhar por entre os carros, os mendigos da rua e o inverno que se aproxima. Então você lê aquela matéria *online*, os filipinos trabalham sem falar, nunca reclamam, são temporários, não tem direitos trabalhistas e estão roubando o lugar dos brasileiros no Japão. Alguma coisa gela na sua espinha. E você está certo. As manchetes são invejosas, querem superar umas às outras. "Colapso do sistema financeiro global". Eu não sou "Grande Demais pra Quebrar". O organismo me desligou. Os dinossauros renascem: toda regulamentação é nociva, o que é bom para os bancos é bom para todos, o fim dos impostos é a solução para o problema. Cavalo de Troia.

HOMEM 2

Caça. *First Person Shooter.* Quantas cabeças você já cortou, quantas cabeças já explodiu, quanto tempo demora sua curva de aprendizagem, você é um *Camper* que se esconde atrás de objetos para atirar em seus adversários, você *Frag* o oficial superior como na Guerra do Vietnã, nosso clube, nosso *Teamplay,* já não somos *Newbies*, somos Guy Fawkes, vocês serão os *Owneds,* vocês nos fizeram assim, Frankenstein. *Game over.*

HOMEM 1

Até quando?

HOMEM 2

Realidade virtual, jogo: globalização financeira, fluxo de capitais, eurodólares, liberalização, concorrência, fusões e aquisições, diluição de riscos no mercado, mecanismos de "auto-regulação", *subprime*, "exploração financeira" de pobres, complexos modelos matemáticos, efeito dominó.

HOMEM 1

Muitos sapos. Até quando você brinca com uma cobra? Até quando você semeia a violência sem colher violência? Até quando alguém pode ver pés sujos, velhos doentes, mães carregando bebês mortos em carrinhos podres? Até quando você pode bater num cachorro sem que ele te morda? É possível convencer qualquer pessoa de qualquer coisa.

HOMEM 2 (referindo-se a um possível ataque hacker)

Principalmente muitas pessoas de qualquer coisa. *Massively multiplayer online roleplaying game.*

HOMEM 1

Na minha lápide, eu quero escrito: "Ele derrubou todos eles".

HOMEM 2

Erro. Temos as mãos e os pés amarrados às costas. Ele diz que foi um erro. O mestre dos bancos diz que foi um erro.

HOMEM 1

Mas continuamos. Por *default*. Os pobres têm que pagar.

HOMEM 2

(pausa) Minha vez:

Assinei esse documento. Só porque... As mãos e os pés amarrados às costas. A cabeça coberta por um saco. Apanhando por todos os lados, socos e pontapés, que não sabia de onde vinham, enquanto ouvia uma mulher gritar próximo de mim. Haviam me convencido de que seria a minha mulher. Quando descobriam minha cabeça, mostravam fotos dos meus filhos. E diziam: "Você acha que ainda os encontrará vivos?" "Acha que os deixamos em casa, depois que tiramos você de lá?" Acabei convencido. O futuro da minha família. Tive de escolher entre essas alternativas. E assinei, claro. Assinei.

HOMEM 1

Minha vez.

HOMEM 2

Você é um perdedor nato que chega sempre em casa e coloca seu CD do Legião Urbana, lembra dos velhos tempos e de como esses caras geração Coca Cola viram gente apanhando da janela. E, de fato, você acaba vendo gente apanhando em plena Avenida Paulista e você pensa: algo está errado. E você vai numa sinfonia, com seu amigo, vocês saem para tomar um malibu e vocês dançam, é divertido. E você descobre que dois anos de casado foi um erro. Vão ao cinema, e vocês transam no seu apartamento rapidamente limpo e arrumado e sem comida chinesa de ontem. E você é o Super Homem, flor na mesa. O globo das oportunidades, você trabalha para o Norte e ama no Sul, e acredita que o sol vai brilhar por entre os carros, os mendigos da rua e o inverno que se aproxima. E ele te ama, mas acha uma opção de trabalho na China.

HOMEM 1

De AAA para AA+. É tudo um jogo. (pausa)

HOMEM 2

Psicopatas.

HOMEM 1

Vendem tóxicos. (pausa) É grave.

HOMEM 2

Vamos explodir.

HOMEM 1

Vamos explodir tudo. Optar pela violência.

HOMEM 2

Sua vez. (pausa)

HOMEM 1

100 mil mortos. 100 mil mortos. Eu saí na foto humilhando um prisioneiro. Eles nos disseram sempre que éramos os mocinhos. Que estávamos sendo atacados. "Operação Liberdade". Eles alimentavam seus prisioneiros com plástico. Usavam eles como cobaias de armas químicas. Mais de cem pessoas foram mortas em um dia, sepultadas em covas coletivas. Nós os pegamos pelas ruas e os prendemos sem motivo. Sem motivo? É uma guerra, estamos sendo atacados. O arame não era eletrificado. Ou era eletrificado, não faz diferença. Eles são monstros que odeiam a democracia. Não são? Foram eles, os grandões. O oficial. Ele mandou apontar pro pau do cara e sorrir. Ele foi forçado a se masturbar. Eu não queria, eles me pressionaram. Meu namorado pediu que eu puxasse a coleira que ele colocou no pescoço de um iraquiano com problemas mentais. Uma pirâmide de presos nus. Eles estavam trabalhando o psicológico deles. Ou os caras estavam se divertindo, tirando um sarro. Não sou eu. O deslocamento muda você.

HOMEM 2

Depois de destruirmos um país, nós podemos reconstruí-lo. A guerra é o melhor negócio. (pausa)

HOMEM 1

Cavalo. O cavalo com asas do pensar era negro.

HOMEM 2

Se pensamos na moral, nos chamam moralistas. Se fazemos políticas, nos mostram com discursos "racionais", cheios de dados, tabelas e leis que pensamos errado, que o bem nos fará mal. Racionalidade parcial, preguiçosa, inércia da cidade. Não sabemos, devemos obedecer.

HOMEM 1

Nosso eu quebrado não pode mais ver. Não participamos mais de nossa vida. Existem muitos perigos, mas eu sou apenas as coisas que faço. Eles tiram o sangue das pessoas e suas esperanças para que tenham sonhos egoístas. Apocalipse e guerra.

HOMEM 2

Pode ser que sejamos pegos, eles vêm atrás de nós.

HOMEM 1

Eu entrei no exército para poder estudar. Eu trabalhava como caixa de supermercado. Fui criada em um trailer estacionado em uma rua de terra batida atrás de um bar. Meu pai trabalhava em uma ferrovia. Você está certo se todos ao teu redor dizem que é certo. O mundo diz que é certo. Quem teria coragem de ir contra o que é certo?

HOMEM 2

E o que eles fazem com os nossos homens e mulheres é justo?

HOMEM 1

Os interrogadores terceirizados incentivavam que amaciássemos os prisioneiros. Queriam que impedíssemos eles de dormir. Sempre nus. Soldados urinaram em cadáveres. Sodomia. Mostrar os peitos. Eram torturados nos chuveiros. No começo... não aguentava mais. Ainda tenho pesadelos com todos aqueles gritos. Não só com os gritos dos presos, mas com os soldados gritando com eles. É uma guerra preventiva. O eixo do mal está à solta.

HOMEM 2

Cavalo de Troia. O jeito Milton Friedman de fazer castas: uns estudam o tempo todo e outros trabalham o tempo todo. Nossa nobreza. Gritamos para salvar nossas casas, nossas raízes, mas a especulação, o mercado passam por cima. Os deputados têm um preço, você diz, os vereadores têm um preço. Fabricam revolução. Todos dizem que é hora de eu crescer. Guy Fawkes, o revolucionário.

HOMEM 1

Para quê servem empresas e governos? Se revogam o contrato com a população e funcionários?

HOMEM 2

O eixo do mal está à solta.

HOMEM 1

E. Pode ser que sejamos pegos, que venham atrás de nós.

HOMEM 2

E o que eles fazem com os nossos homens e mulheres é justo?

HOMEM 1

Era uma vez. O presidente do Banco Central norte-americano, secretário e secretário adjunto do Tesouro, na capa: o "comitê de salvação do mundo".

HOMEM 2

Contribuições eleitorais por parte das grandes instituições financeiras. Produtos "tóxicos". Wall Street no governo.

HOMEM 1

"Infelizmente, os cortes de investimentos de multinacionais terão um impacto importante no Brasil. Em menos de seis meses, as grandes multinacionais e bancos já demitiram juntos quase meio milhão de pessoas diante da crise. Demissões em massa".

HOMEM 2

Na minha lápide eu quero escrito: "Ele derrubou todos eles".

HOMEM 1

Derrubar. Arrombar. Tudo inteiro. Já colocamos 1 milhão nas ruas em Londres. Milhões gritando pelas ruas do mundo.

HOMEM 2

Não apenas o Ministério da Defesa. Os cartões de crédito. A Casa Branca. Imagine poder fazer tudo. Tudo, qualquer coisa. Mostrar sua força, atingir milhares de pessoas. Você derrubaria um país? Você faria a era nuclear? Você deixaria um cachorro morrer de fome trancado atrás de grades só para vê-lo definhar? Jack matou 29 mulheres.

HOMEM 1

OK. Somos feios. Falamos errado. Nos vestimos errado. Somos impuros. Depois de 2000 anos formou-se como que duas formas de viver, duas tribos, com línguas diferentes. Não temos mais jeito. Mas somos o vírus. O vírus final. A Terra já morreu, uma massa enegrecida, e estamos todos morando na lua, vivemos dentro da realidade virtual.

HOMEM 2

Duas prostitutas entram em uma mansão e matam um milionário sádico. Contra o clube. O clube que comprou o mundo.

HOMEM 1

Vocês nos ensinam. A guerra é o melhor negócio.

(Um rato entra no palco e eles correm para pegá-lo. Matam o bicho.)

HOMEM 1

Eu tenho esperança.

(Entra uma jovem.)

HOMEM 1

Por *default*.

ELA

Escolha o amor. Porque eu estou aqui, eu te amo e você não me ama, apesar de adorar fazer sexo comigo nesse sofá. E só pensa em vingança e em como o governo jogou a polícia em cima daquela pobre gente e colocou fogo em suas coisas, velhos, crianças, doentes correndo, e era uma área de dívida, de um maldito corru-puto desses, polícia armada, e o governador, e o juíz e ninguém queria saber e mandaram bala em cima dessa pobre gente, helicóptero, metralhadora, fogo, soldados, cassetetes, camburão, e onde estão eles agora senão pelas esquinas da vida, em casas abandonadas, na rua, na chuva. Porque eu estou aqui, eu te amo e você talvez, mas eu preciso saber, eu estou acabando nessa sua vingança doida e você só quer tirar o bando do ar, tirar o governo do ar, tirar a maldade que infecta o ar. Mas eu sou de carne e osso e estou cheia de ar. Escolha o amor. Isso iria aquecer sua barriga.

HOMEM 2

Na sua lápide quer: "Ele fez o Juízo Final".

ELA

Mas eu também te amo. Como se pode amar um homem que não fica de pau duro pra você. E você ama, mesmo assim, porque ele é inteligente, ele gosta de cinema, ele sabe de tanta coisa legal e é tão *nerd* e caretão às vezes com seus discos de Legião Urbana e seus discursos contra a mídia. E uma mulher precisa apenas montar num homem e isso faz com que ele endureça, é a natureza. Ele pode nem querer, mas ela quer e ele deixa e, no fim, dormem como fadas. E eu quero que vocês esqueçam tudo, esqueçam, vamos sair desse círculo, desse maldito padrão. Porque eu sei o que é ter uma família que se repete e se repete e tudo volta sempre pro mesmo lugar. A filha faz o que a avó fez, e o que a neta faz é o mesmo, reverência, mas de um jeito novo. Elas sempre pensam que estão inovando, mas vão apenas obedecer o Id, o Ego, o caralho. Mas eu sei que vocês têm medo. Eu sei que se eu desse comida na boca de vocês, vocês iam florir como um jacarandá verdejante, iam se abrir como uma lua depois da chuva, iam cantar como as cascatas, blablablá. Vocês tentam se convencer que são vingadores, que vão explodir tudo por amor. E no fundo a Terra já morreu, é uma massa enegrecida e estamos todos morando na lua, mas vocês vivem dentro dessa realidade virtual, vocês acham que podem salvar o mundo. É tudo um jogo. Querem destruir o sistema da Nova Frota? É um jogo. Nunca mais vamos sair disso.

(Quebra o busto de Darwin).

HOMEM 1

Acho que tocaram. Está chegando a pizza. Era quatro queijos. Mas hoje só tinha dois.

HOMEM 2

Cavalo de Troia.

HOMEM 1

Escolha. **(Beija Homem 2).**

FIM

AFONSO LIMA nasceu em Porto Alegre (RS) e está radicado em São Paulo. Graduado em História, com Mestrado em Filosofia – onde estudou a relação entre pós-estruturalismo e arte contemporânea. Publicou *Alguns Contos* (Suliani, 2006) e *O Livro* (Scortecci, 2011), entre outros. Participou da antologia *Novíssimos da Literatura Brasileira* (Cronópios Arraia PajeurBr, 2012).

Revide

F. A. Uchôa

DESCONHECIDO

Todos odeiam o semblante do homem bom
Os puros de coração serão sempre acertados no rosto.

* * *

ÂNCORA

As imagens obtidas com exclusividade captaram o exato momento em que um dos quatro agressores ataca a vítima no rosto com uma garrafa de cerveja. O rapaz fica atordoado e é atingido mais uma vez. As imagens da agressão foram encaminhadas para o Ministério Público e semana que vem a polícia vai ouvir o rapaz agredido.

[Luz em Desconhecido.]

DESCONHECIDO

Eles desperdiçaram com as próprias mãos
O motivo da violência, assim como foram desperdiçados
Os socos que poderiam salvar a humanidade
Já apanhei na cara e sei que bater nos outros
É um direito que ninguém escreveu no papel
Mas assim como o ódio que me enfiaram pela goela

E o rancor que não vai sair do meu corpo cheio de marcas,
Eu não merecia ter nascido homem.

Toda mãe é culpada pelo nascimento de um menino.

Não gosto desta humilhação de ser muito humano
E ter de suportar nas minhas costas a vontade de justiça,
Não gosto de ser tão menino e depender de pessoas
Para viver, para brincar, para também sofrer
Não gosto desta humilhação de ser muito humano
Porque neste mundo toda insensibilidade é força
E todo menino que nasce foi um aborto que se desfez
Eu não merecia ter nascido homem.

Tudo que é humano vem da mulher.
Todo crime contra a vida é um atentado contra a mulher
E contra a mãe que nos criou com humilde objetivo de passar humanidade
Pelo inútil cordão que não suga humanidade nenhuma pelo inútil cordão
Que mamãe usou para me tornar humano porque me amava demais
Hoje virei homem e não consegui afastar minha truculência
Não há nada de feminino em mim, não há nada de humanidade em mim
Fui um menino que apanhei de outros meninos e hoje guardo
Toda masculinidade do mundo nos meus músculos subdesenvolvidos
Que infelizmente terão que supurar na forma de ódio
Mamãe deveria ter afundando minha incubadora no esgoto
Para que eu nunca me tornasse homem.
É preciso acabar com estes meninos antes que virem homens.

ÂNCORA

O Juiz da 1ª Vara de Infância e Juventude de São Paulo determinou ontem a internação dos menores agressores acusados de dois ataques na Avenida Paulista no último domingo.

DESCONHECIDO

Já vi a notícia dos menores agressores em três canais diferentes, de madrugada passam as reprises e já pus o relógio pra despertar. Fiz seis séries de oito repetições na barra fixa e chupei uma tangerina antes de dormir.

* * *

ÂNCORA

O único maior do grupo, Luigi Beluzzo, de 19 anos, chegou a ser preso, mas foi solto nas horas seguintes.

* * *

GIGIO

Pai, os caras caguetaram nosso endereço, e agora?

* * *

ÂNCORA

O pai de um adolescente suspeito da agressão ofereceu um abraço afetuoso a uma das vítimas e disse à repórter o que pode ter ocorrido.

* * *

IRMÃO

Carcamano do caralho, como pode ser tão cínico?

* * *

ÂNCORA

Uma das vítimas prestou depoimento esta tarde, mas não quis gravar entrevista. O rapaz que foi atacado no rosto por uma garrafa de cerveja, continua internado no Hospital do Município. Ele sofre de deficiência mental.

* * *

IRMÃO

Eu não ando de mãos dadas com meu irmão porque eu quero, ele precisa da minha companhia!

* * *

GIGIO

Como eu ia saber que o cara era retardado? Pensei que fosse um casal.

* * *

IRMÃO

Como eu ia saber que o cara era marginal? Ele parecia um menino de família.

* * *

GIGIO

Pai, eu tinha direito, eu já morei na Paulista, você deixou o apartamento no meu nome, já levei os *brothers* pra lá, as putas pra lá, as vacas do cursinho passaram pela minha vara, as bichas da Augusta já sentiram meu soco inglês, o prefeito deveria agradecer pela limpa, *já apanhei na cara e sei que bater nos outros é um direito que ninguém escreveu no papel*, estão me estraçalhando nos sites dos *gays*, estão me linchando nas redes sociais, estão me fodendo no inferno chamado *Internet*, fiz dois anos de *Muai-Thai*, *Jiu-Jitsu* e tenho medo de ver televisão e já não entro mais no meu perfil e não posso andar de elevador e não posso andar em lugar nenhum.

IRMÃO

É preciso acabar com estes meninos antes que virem homens.

* * *

GIGIO

Eu sou homem, pai, eu não mereço o cargo da pior pessoa de São Paulo, eu achava que era um casal, se tivesse acertado viraria herói, foi você quem me ensinou pai e hoje estão todos contra mim.

* * *

DESCONHECIDO

Rezei para mamãe e perguntei sobre minha atitude sem medo
Da bronca que ia levar porque quando a reportagem aparecer
Vão lembrar que sou do bem, vão lembrar que tenho mãe
Fique sossegada porque a âncora do telejornal me autorizou
Fique sossegada porque toda a humanidade me autorizou
Somente os grandes seres humanos são escolhidos pra vingar

IRMÃO

Me perdoe.

VÍTIMA

...

IRMÃO

A culpa foi minha. A culpa foi toda minha.

[Suspensão]

DESCONHECIDO

Você é desumano, Gigio
Você é um homem, Gigio

ÂNCORA

Os três suspeitos acusados de espancar dois jovens na Avenida Paulista na semana passada serão encaminhados para uma fundação de menores infratores.

Luigi Beluzzo, o único maior do grupo, está foragido,
Gigio está
aqui.

DESCONHECIDO

Entre nós.

ÂNCORA

Gigio, o único maior do grupo, está foragido. Neste galpão.

DESCONHECIDO

Você está nu e não tenho nenhuma atração por você
Você é moleque mas não vou mentir que vê-lo assim
O corpo pendurado no estuque, a veia saltando da testa
O olho vermelho latejando o sangue que pulsa no rosto
O medo através deste lindo olho azul que ganhou do papai
Sua cara tem a vermelhidão e o inchaço de um orgasmo
Meu pavor de ter uma ereção durante este acerto de contas
Não é pior que seu medo de mim.
Se você fosse mulher seria uma vontade de estupro
Que é o pior crime de todos.

ÂNCORA

A estatística de estupro masculino não foi contabilizada pelos órgãos oficiais do Governo. Estima-se que quase totalidade das vítimas não presta queixa contra seus agressores. Luigi Beluzzo, o único maior do grupo, poderá ser estuprado sem riscos de represálias.

DESCONHECIDO

Eu não tenho desejo porque o medo do menino
É infinitamente mais excitante que um estupro

ÂNCORA

Ele ama cada centímetro da sua vergonha, ele goza cada movimento da sua sujeição, assim como eu adoro esta lágrima linda que está descendo agora. O Jornal fica por aqui. Boa Noite.

DESCONHECIDO

Faltam dez dias para o Natal e tive um sonho estranho com Gigio. Passei à frente da casa e as luzes estavam apagadas. Acordei e ninguém tinha voltado.

[Fim da suspensão]

PAI

A culpa foi minha. A culpa foi toda minha.

GIGIO

Não pai, eu sou um escroto, eu gostei de ser escroto, tanto importava se fosse uma bicha ou um retardado, tanto importava se fosse uma grávida ou uma empregada, tanto importava.

PAI

É a família, todos os assassinatos da família, você vai pagar pelo sangue que caiu sobre a família, pelo sangue… Pelo meu sangue.

GIGIO

Pelo seu sangue?

PAI

É o sangue de toda minha vida na cabeça de um menino…

GIGIO

Pai, me perdoa!

PAI

Deus proteja o meu menino…

GIGIO

Pai, por favor me perdoa!

PAI

Eu te amo, Luigi.

IRMÃO

Eu sou um escroto, eu gostei de ser escroto, tanto importava se fosse uma bicha ou um macho, tanto importava se fosse um ladrão ou um guarda, tanto importava, eu não consegui reagir! *Eu não merecia ter nascido homem.*

[Luz em Desconhecido.]

IRMÃO

Pois não?

DESCONHECIDO

Tudo bem?

IRMÃO

Estou dando de comer a meu irmão. Por favor.

DESCONHECIDO

O que ele tem?

IRMÃO

Não interessa.

DESCONHECIDO

Ele fala?

IRMÃO

Não. [*A alguém*] A conta!

DESCONHECIDO

Gigio está foragido.

IRMÃO

E daí?

DESCONHECIDO

Eu sei o que aconteceu e sei o que você sente.

IRMÃO

Sinto culpa.

DESCONHECIDO

Nenhuma culpa existe quando há muitos homens
No mundo.
Quando há sujos
No mundo.
Você precisa vingar seu irmão.

IRMÃO

Deus existe pra mim… Ele me protegeu da garrafa porque sou um homem do mundo, *não há nada de feminino em mim, não há nada de humanidade em mim,* me deixe em paz. A culpa foi minha.

DESCONHECIDO

Não interessa, nada interessa quando um homem precisa pagar
Nada interessa quando a violência vaza feito um órgão inflamado
Não há mais o que fazer, tenho uma legião de quarenta pessoas
Que foram contaminadas por mim e querem a cabeça do Gigio
Uma legião de quarenta homens que querem vingar seu irmão

[Vítima chora e grita ao mesmo tempo]

IRMÃO

Louco! Olha o que você fez!

DESCONHECIDO

Eu só quero sua permissão!

IRMÃO

Sai daqui!

DESCONHECIDO

Eu jurei que pedia sua permissão, por favor! Eu só quero sua permissão!

IRMÃO

Vai embora!

DESCONHECIDO

Eu preciso da sua permissão!

ÂNCORA

Luigi Beluzzo, o único maior dos quatro jovens agressores da Avenida Paulista diz estar arrependido pelo que fez. Segundo uma entrevista mediada por seu advogado, o jovem diz querer trilhar o caminho do bem. O rapaz espera um *habeas corpus* e continua foragido.

DESCONHECIDO

Eu sei onde ele está.

ÂNCORA

Luigi Beluzzo, o único maior dos quatro agressores da Avenida Paulista será capturado daqui uma semana por um cidadão de bem. O autor da captura, um herói desconhecido, concederá uma entrevista ao Jornal da Noite sob a condição de não ser identificado.

DESCONHECIDO

Meu único compromisso com o mundo é fazer dele um lugar melhor
Meu único compromisso comigo é fazer do mundo um lugar pra mim

ÂNCORA

Luigi Beluzzo, o único maior dos quatro agressores da Avenida Paulista, deixará este mundo pelas mãos do homem mais puro da Terra que até o final de sua vida lutou pelo mais verdadeiro sentimento de compaixão pela humanidade, pela maneira mais bela de existir.

DESCONHECIDO

Já organizei uma gincana onde vencia quem enfiasse mais garrafas em Gigio Beluzzo.

ÂNCORA

Luigi Beluzzo, o único maior dos quatro agressores da Avenida Paulista, será punido pelas mãos do filho mais humano que tive. Você. Meu querido.

DESCONHECIDO

Obrigado, mãe. Obrigado.

ÂNCORA

Eu te amo, *meu homenzinho.*

PAI

Eu já vi de tudo meu filho
Vi marmanjo chorar feito filhote,
Recém-nascido morrer na frente da mãe,
Vi uma mãe morrer na frente da cria,
Um escritório banhado de sangue,
Meninos da sua idade sendo espancados em iniciações sem sentido,
Vi o branco do osso de um calcanhar saltar na minha vista,
Eu já vi de tudo meu filho,
Vi todo o mal do mundo passar na minha frente,
Todo o mal do mundo me chamar para dentro,
Tudo, meu filho.
Tudo.

* * *

IRMÃO

Mas não fiz nada por você, meu irmão.
Nada.

PAI

Virei homem e não consegui afastar minha truculência
Não há nada de feminino em mim, não há nada de humanidade em mim
E quem vai pagar por isso é você, meu filho.

* * *

IRMÃO

Não, não é assim. Estão me protegendo nos sites dos *gays*, estão me defendendo nas redes sociais, estão me adorando no inferno chamado *Internet*, dane-se: eu tenho o direito, nenhuma culpa existe quando há muitos machos no mundo. Eu tenho o direito. Fique sossegado porque toda a humanidade me autorizou, há uma legião de quarenta homens querendo vingar meu irmão, *Alô?* Eu dou minha permissão, cara! Você tem toda minha permissão!

DESCONHECIDO

Permissão aceita. Faltam cinco dias para o Natal.

PAI

Um homem é uma guerra, é sempre a guerra
Está na saliva, no suor, no sangue, na seiva

Dos Mantovani, agora dos Beluzzo
Um sobrenome não muda nada

GIGIO

Se ao menos a mídia não divulgasse nosso nome…

PAI

Jurei que nunca mais apertaria um gatilho depois que virasse um Beluzzo,
E não vou cumprir minha promessa.

GIGIO

Se ao menos a mídia não divulgasse nossa foto…

PAI

Não interessa,
Nada interessa quando a violência vaza feito um órgão inflamado.

IRMÃO

Eu nunca revidei um soco qualquer
Eu nunca revidei uma ofensa sequer
Fui um menino que apanhei de outros meninos e hoje guardo
Toda masculinidade do mundo nos meus músculos subdesenvolvidos
Chegou minha vez.

[Luz em Desconhecido]

DESCONHECIDO

Atenção tudo que me cerca e me faz,

IRMÃO

Tudo que é invisível e que ninguém sabe,

DESCONHECIDO

Tudo que é masculino e domina a Terra,

IRMÃO

Tudo que é domínio, conto com tudo,

DESCONHECIDO

Pra fazer da justiça o tutano destes homens,

IRMÃO

Conto com tudo que seja contra o feminino,

DESCONHECIDO

Pra fazer destes homens tudo que é desumano,

IRMÃO

E com eles destruir do humano tudo que não é humano
Conto com tudo,

DESCONHECIDO

Conto com os homens.

[Fundem-se. Longo breu.]

ÂNCORA

Mesmo na véspera do Natal, a movimentação de pedestres não para de crescer nos arredores da Avenida Paulista, um dos cartões-postais da capital. A cada ano a decoração natalina das ruas, prédios, agências bancárias recebe admiradores de todas as idades.

PAI

Ontem mesmo *questa pazza* disse que a Paulista tinha virado palco da barbárie...

GIGIO

É o pior Natal da minha vida desde que minha mãe morreu.

ÂNCORA

[a Gigio]

Mesmo na véspera do Natal, a movimentação de *delinquentes* não para de crescer nos arredores da Avenida Paulista, um dos cartões-postais da capital. A cada ano a decoração natalina das ruas, prédios, agências bancárias recebe *agressores* de todas as idades.

GIGIO

...

PAI

Gigio, você percebeu que tem um carro estacionado aqui na frente desde manhã?

ÂNCORA

[a Gigio]

Reviravolta no caso dos jovens agressores da Avenida Paulista. Nem a decoração de Natal poderá salvá-los do linchamento em praça pública, tratamento dado aos bárbaros, às piores pessoas do mundo.

GIGIO

...

PAI

Gigio, você viu onde o papai colocou a munição do revólver?

ÂNCORA

[a Gigio]

Somente uma punição exemplar servirá de lição a esses filhinhos-de--papai desalmados que ameaçam o bem-estar de cidadãos como meu filho e meus familiares.

GIGIO

Desliga essa tevê, pai...

ÂNCORA

[a Gigio]

Pergunte ao bandido do seu pai o que ele faria se algum vândalo como você estourasse uma garrafa de cerveja no rostinho do único *bambino* que ele fez o desserviço de colocar no mundo.

GIGIO

Desliga essa tevê, pai.

ÂNCORA

[a Gigio]

Pergunte ao bandido do seu pai o que ele faria se algum presidiário de Tremembé enfiasse toda rola no rabinho do único *bambino* que ele fez o desserviço de colocar no mundo.

GIGIO

Desliga essa tevê, pai!

ÂNCORA

[a Gigio]

Pergunte ao bandido do seu pai o que ele faria se algum psicopata como ele terminasse de uma vez por todas com a vidinha do único *bambino* que ele fez o desserviço de colocar no mundo.

GIGIO

Eu vou dar um chute nessa merda, pai!

PAI

Meu filho calma!

GIGIO

Você não entende! Eu vou morrer!

PAI

Gigio!

GIGIO

Eles sabem onde nós estamos, eu preciso sair daqui!

PAI

Aqui é seguro!

GIGIO

Você não me escondeu direito!

PAI

Gigio, está tarde!

GIGIO

Me solta, eu vou te bater!

PAI

Gigio, não!

GIGIO

Me deixa sair!

PAI

Gigio, você vai me matar!

GIGIO

Pai, você não entende!

PAI

Gigio, para!

GIGIO

Pai, eu vou morrer!

PAI

Gigio, não…

GIGIO

…

PAI

…

[Gigio sai. Deixa Pai desmaiado.]

ÂNCORA

O Jornal da Noite deseja Boas Festas a todos que estão se preparando para a comemoração dessa data tão especial. Feliz Natal e até amanhã.

GIGIO

Por favor, já passou da meia-noite, eu estou aqui desde ontem chamando carona e ninguém para, por favor: me ajuda.

DESCONHECIDO

Eu não te conheço…

GIGIO

Aonde você vai?

DESCONHECIDO

Rio de Janeiro.

GIGIO

Eu vou junto!

DESCONHECIDO

Como eu posso saber que você não vai me matar, que você não é um bandido?

GIGIO

Eu não sou um bandido! Eu sou uma boa pessoa! Por favor!

[Pausa]

DESCONHECIDO

Entra.

DESCONHECIDO

Nervoso?

IRMÃO

O melhor Natal da minha vida desde que minha mãe morreu.

DESCONHECIDO

[Cantando]

Peguei o carro do ano em que eu nasci,
Pra realizar o grande feito da minha vida.

IRMÃO

Será que o seu pessoal vai estar lá quando Gigio chegar?

DESCONHECIDO

Quarenta homens órfãos de mãe…
Prontos pra bater…

IRMÃO

E o bandido?

DESCONHECIDO

Desistiu na última hora.

IRMÃO

Nenhuma mulher?

DESCONHECIDO

Nenhuma.

IRMÃO

Tudo que é humano vem da mulher.

DESCONHECIDO

[Cantando]

Peguei o carro do ano em que eu nasci,
Pra realizar o grande feito da minha vida.

GIGIO

Você se importa se eu tirar um cochilo?

DESCONHECIDO

Fique à vontade.

[Longa transição. Irmão dorme. Gigio dorme.]

DESCONHECIDO

[A Irmão e a Gigio]

Chegamos.

GIGIO E IRMÃO

[Acordando]

Cara, mas aqui é a Paulista…

DESCONHECIDO

Desce!

[Longo e angustiante breu.]

ÂNCORA

Ontem,
Em plena madrugada de Natal, a Avenida Paulista,
Artéria central por onde todo tipo de sangue passa,
Reduto de sangues por onde todo tipo de homens passam,
Novamente viu sua reputação ser manchada por homens.

DESCONHECIDO

Eu não me reduziria ao lugar de homem nem pela justiça
E senti nojo quando vi a estirpe dos homens que eu juntei
O mesmo sangue que mancharia a reputação da Paulista,

ÂNCORA

Não seria jamais derramado pelo único homem,
Meu filho,
Pequeno homem macho que criei entre os machos,
Meu filho,
O grande homem-fêmea que criei distante dos machos,
Meu filho,
Que nunca quis se misturar a estes homens.

DESCONHECIDO

Eu estava dentro do carro quando os primeiros socos começaram,

IRMÃO

É na cara, vocês ouviram? Bate na cara!

DESCONHECIDO

Eu estava dentro do carro quando o primeiro supercílio rompeu,

IRMÃO

Isso mesmo! Arregaça! Estraçalha!

DESCONHECIDO

Eu estava dentro do carro quando caíram os primeiros dentes,

IRMÃO

Arrebenta, vai! Não para!

DESCONHECIDO

Eu estava dentro do carro quando o rosto daquele irmão transfigurou-se,

IRMÃO

Olha pra mim, desgraçado! Me encara!

DESCONHECIDO

Eu estava dentro do carro quando o rosto de Gigio transfigurou-se,

IRMÃO

Engole o choro, desgraçado! Não chora!

DESCONHECIDO

Eu estava dentro do carro quando deixaram Gigio pelado na rua,

IRMÃO

Mostra o rabo pra câmera, sua praga! Se entrega!

DESCONHECIDO

Eu estava dentro do carro quando Gigio tentou abrir a porta de trás,
Eu estava dentro do carro quando Gigio virou um menino vermelho,
Eu estava dentro do carro quando *um tiro*…
… estourou o pára-brisa da frente…

[Foco em Gigio ensaguentado. Foco em Vítima e Irmão]

IRMÃO

Meu irmão, escuta. Estas duas garrafas são para você estourar no rosto do cara que te bateu. Ouviu bem? Ele está aqui na sua frente, eu estou segurando a cabeça dele. Agora é com você! Por favor.

VÍTIMA

…

IRMÃO

Meu querido, eu te imploro. Eu sei que você sente, eu sei que você tem ódio nesse coração, eu sei que você é um *homem*. Por favor.

VÍTIMA

…

IRMÃO

[Chorando]

Você é um homem, meu irmãozinho… Arrebenta a cara dele!

A VÍTIMA

[Deixa as garrafas cair, tateia o rosto de Gigio]

…

IRMÃO

Você é um HOMEM!

[Vítima enlaça Gigio pelo tórax e o abraça. Longa rajada de tiros. Longo silêncio.]

PAI

[A alguém]

Podem ir, podem ir…

Morreram todos.

Todos homens, graças a Deus.

[Vítima embala Gigio de olhos fechados.]

GIGIO

Pai… você pode me dizer que horas são?

PAI

São quase duas horas, filho.

GIGIO

Feliz Natal, pai.

PAI

Feliz Natal, Gigio.

[Sirenes de polícia se misturam às sirenes de ambulância. Breu absoluto.]

FIM

F. A. UCHÔA é designer e dramaturgo em formação. Iniciou seus estudos na SP Escola de Teatro em 2011, ano em que escreveu *Revide*, seu primeiro texto.

Metaplágio

LeandroDoregon

Numa rádio,

Voz de uísque.

Puxa!

Voz de uísque.

Certo. E você vai fazer o quê, bonitinha?

Vou me lembrar de alguns anos da minha vida que passaram... Filmes, novelas, músicas, ou sentir no ar o perfume que usava. Mas nunca é como foi.

ALÔ! OI! Você tá no ar. Está ao vivo, às 2h45 da manhã, no "Jogo improvisado de Talento do Senhor Coruja" – eu. Você não me disse seu nome.

Eu descobri que sou boa pra... pra....

Legal. Preparada pra nos mostrar? Valendo!

Nada faz sentido, né? Sílvia. Gostaria... Gostaria... Gostaria... Merda! (...) Tudo nela ser tão falso. Copiando tudo... Tudo. Viver. Ela! Ela!

Valeu! Valeu! Não sei se conseguiu finalizar sua historinha, mas estouramos o tempo. Infelizmente.

O cara ainda nem entrou na história.

Quem?

Você. Sabiá.

É nossa ouvinte?

Sylvia?

Tão dando trote.

"TIC TAC"! "TIC TAC"! "TIC TAC"!

Despachem essa maluca! Morfética! Arrombada! Desgraçada! Calma? Calma uma pinoia! Cê viu como ela falou comigo? Me chamou de "Sabiá". Tá tirando sarro de mim. Ela continua na linha? Queridinha, que que você quer, han? Quer o prêmio da choldra da noite? Me infernizar? Quer pedir uma música?

"Walk on the wild side."

É a sua música?

Da Sylvia.

Caiu a ligação? Porra cara, caiu! Eu sei, sei que estou no ar. Mas essa mulher... **(cortes)** "Ligar ou não ligar." Que merda! Tomando decisões o tempo todo. Liga de volta, vai, produção! Li, retorna, retorna pra maluca. Não, eu não a conheço. Só estou curioso, faz favor, oquei?

Sylvia passou a odiar os amigos e quis um amor clichê. Eu também era casada cum... Gostava de pedir música nas rádios de madrugada. Passava a noite grudada no telefone...

Quem fala?

Voz de uísque. Sabiá... Ele se apaixonou. Amou a voz dela. Nunca se encontraram. Uísque, pó, Sylvia. Descobriu. Foi embora.

Sei que agora fui eu que desliguei; porra! Chega... Chega de aguentar... Me traz aí uma água com gás... um... alguma coisa pra eu... Próximo telefonema... Alô!

Bom-dia.

Você está no "Jogo improvisado de Talento do Senhor Coruja". Quem fala?

É a Sylvia, Sabiá.

Meu nome é Nelsinho. "Sabiá" é a porra da puta que te pariu, falou?

Eu voltei.

Morre!

Sou atriz. Sylvia, meu papel...

Cala a boca!

Dor... Prazer... Pensamento... Alma... Verdade... Odeio... Medo... Sou... Lucidez...

Tá chapada, é? Alô? Alô! Boa-madrugada, 103-FM. *Você está no "Jogo improvisado de Talento do Senhor Coruja". Quem fala?*

Ressaca.

Então me sirva um *Bloody Mary*. Tão poucas vezes eu não soube o que disse. Poucas também eu não soube o que fiz. Só falei, agi. Poucas, poucas vezes eu não sei o que senti. É tão estranho o que estou sentindo. Não sei o que é... Sei da causa, sei de você. Que tou falando? Que estou fazendo? Será que eu te encontraria? Será? Quantos comprimidos eu preciso tomar? Será que eu encontraria Deus?

Devia trabalhar numa rádio religiosa.

Então, a mulher que viveu Sylvia é, na verdade, uma atriz, e todo processo de não se conhecer por repetir as reações de outras pessoas e não reconhecer suas próprias ações faz parte do trabalho enclausurador do ator, ponto?

E tudo não se passava de um sonho...

Não posso acreditar.

Conheci a mulher que quis ser personagem... Não disse que sou ladra?

Sua maior definição é ser mulher.

Meu Sabiá...

Quem é você?

Fim,

Num quarto...

Você é o cara que tem voz de uísque.

Puxa! Como é isso?

Igualzinho a um amigo meu que eu tive. Mas eu não quero mandar um beijo pra ele, não.

Certo. E você faz o quê, bonitinha? Ah, não me disse seu nome.

Vou me lembrar. Mas nunca é como foi.

Você está no "Jogo improvisado de Talento do Senhor Coruja" – eu.

Não acredito em talento, mas em ensaio...

Legal. Preparada pra nos mostrar? Você tem dois minutos... Valendo!

Nada faz sentido, né? Entretanto tudo está sintonizado. Se eu, de repente, dissesse (Sílvia) eu só tenho criatividade e nada de inteligência. Gostaria

também de ser engraçada ao meu modo que é, às vezes, forçar a piada e, às vezes, copiar de alguém ou reaproveitar e mudar a oportunidade dela. Espontânea?! Gostaria de ter o andar songo-mongo como eu acho que andei um dia, de ser corajosa como algumas vezes devo ter sido, de me encontrar comigo bebê pra me ver ainda imaculada de tudo que copiei numa vida inteira. Merda! É que, ao invés deu me entregar, fico tentando raciocinar sobre tudo. É um saco pensar, não é? Acordo pensando em mil coisas, nos comentários que gostaria que fizessem ao meu respeito, no restante do pensamento interrompido pelo sono... Não sei parar de pensar e não quero parar. Um pensamento recorrente é tudo nela ser tão falso. Desde sempre copiando as reações corporais e faciais alheias. "Repetir a reação e gravá-la em algum lugar do cérebro para quando precisar, eu usar." Em terceira pessoa, ela é uma vontade incontrolável de interpretar tudo... Tudo o que vejo, sinto, cheiro; desde as placas das ruas ao som do teclado e os carros; cada verso e letra; cada número... Quero ser tudo. Só, então, respiro. Hoje está doendo viver. É um dia em que me encontrei com o meu passado, não suporto ser quem eu sou. A inverdade que há em mim me é dolorida, me é maldita. Não sei o que odeio; tudo sempre vai parecer interpretação. Ela! Ela estava cansada de tudo o que tinha, era saudosa do futuro, da vida que esteve ao seu lado desde o nascimento esperando a hora certa de se manifestar.

Valeu! Valeu! Não sei se conseguiu finalizar sua historinha, mas estouramos o tempo.

O cara ainda nem entrou na linha.

Oi?

Você.

Eu? Quem é, hein?

Alguém que já recebeu um libelo desse coraçãozinho ilógico...

Não tou entendendo... Essa ligação, ô produção...

Sábado, ontem – é madrugada -, tivemos um momento único (algo próximo ocorreu anos atrás, quando catástrofes naturais assolaram nosso planeta em seguida!). O satélite natural – a lua agigantou-se em 14% e brilhou 33% a mais que no cotidiano. Eu, que há dias, vivia terrenamente

quis trocar de lugar com ela, ir ao céu de baunilha de Monet: não tomei álcool, ouvi músicas deliciosas repetidamente e pensei em como o amor nos nasce, e na mentira que é acharmos que só o percebemos já grandinho; alguém está invadindo resolutamente sua vida, alguém que pode mudar tudo, te dar um novo destino pelos próximos 12 anos, e isso é um tsunami devastador. Quando esse fenômeno lunar acontecer novamente será outra vida, outro momento, outra cidade, novas músicas descobertas... Ou existirei apenas através das palavras. Sorri, agora, e me vi sorrindo, cada músculo trabalhando para a incontrolável exibição dental. Acho que me reencontrei um pouquinho, é que estive longe, bagunçado, deve ser o amor... E o caos que ele traz é um fenômeno transumano, enluarado em nossa existência, capaz de fazer você se perder de você para se encontrar noutra pessoa, e assim se retornar transformado.

Ainda não vi a lua e o seu perigeu... Daqui a 12 anos, tudo estará diferente... Esse é o momento!

Li, ela não tem... (?) Ei, você tem uma voz conhecida. É nossa ouvinte?

Não reconheceu a missiva ou está disfarçando? Você que escreveu.

Nos conhecemos?

Quais são seus mecanismos de engrenagem, Sabiá: bons amigos? Mãe? Irmãos? Sobrinha? Avós? Tios? Padrasto? Primos? Musos? Mestres? Paixões? – a primeira, por exemplo, a televisão (uma relação que se desgastou com o tempo, eu sei!). Cinema? Teatro? O rádio? A música? Sylvia?

QUEM É QUE ESTÁ FALANDO? Tão dando trote ou vocês estão armando pra mim.

Sou tudo que li, vi, ri, odiei, tentei amar, e amei. Essa entidade que me possui e me inspira na hora de criar desde que nasci me fazia repetir no quintal de casa tudo, o que refletiu em muito na forma como interpreto e descubro minhas esquizóides, até hoje. Reescrever, recriar, desdizer, até eu começar escrever, criar, dizer... Quem te inspirou a usar esse chapéu ridículo?

Que você quer, han? Uma música?

"Walk on the wild side."

É a sua música?

Não. Era a dela.

Alô?

Sylvia passou a odiar os amigos e quis um amor clichê. Mas no segundo mês de casamento, trepava mais com um dos cavalos da sua fazenda do que com o marido. Depois de ter a filha, saiu de casa, virou puta, criou barriguinha, cortou e descoloriu os cabelos de cima e de baixo. Botou um brinco na teta e fez ponto até morrer "bichada". A mãe da própria Sylvia Schlitler quem me contou, sem derramar uma lágrima sobre o túmulo da filha. Eu também era casada com um pinguço há 17 anos, tinha quatro filhos, a mais velha toda queimada. Sempre fui gorda, cega de um olho e já tinha o cabelo todo branco. Essa Sylvia devia ser gostosinha, bonitinha, cheirosinha, sedutora. Eu tinha uma voz sedutora. Tenho? Gostava de pedir música nas rádios de madrugada. Concorda que a noite é tão curta em comparação ao dia? Pois é, passava a noite grudada no telefone, e quando me perguntavam...

Quem fala?

Sylvia. Até eu ouvir uma voz de uísque do outro lado da linha... Meu querido Sabiá... Ele se apaixonou por Sylvia. Amou essa mulher, ou a voz dela a ponto de deixar a família falando sozinha e se mudar pra minha casa. Mas quando me viu pessoalmente, eu era aquela gorda-cega com a casa bagunçada... A Sylvia lhe disse que eu era a babá da filha dela, que alugando um quarto na minha casa, ficaria mais fácil deles se encontrarem... Mas ela sempre vinha quando ele não estava, deixava seu perfume pelo ar, bilhetinhos, esfregava seu sexo nos lençóis dele e se falavam durante a noite inteira, o que pra ele era mais que uma "metida". Eles falavam sobre qualquer assunto, inclusive eu. Meu marido... que sabia de tudo, e estranhamente compactuava, dizendo a ele que Sylvia realmente o amava e sentia muito por nunca se encontrarem. Mas meu Sabiá triplicou o uísque, o pó, adoeceu de amor e quis ir embora, dez anos depois de ouvir que a Sylvia se falava com outros, além dele. Por pouco, não fui descoberta pelo jornalista Wilian Boner, no início da carreira, quando fazia reportagens e lhe arrumei um furo. Quando ele e Sylvia marcaram um encontro, eu o estava observando à distância... Mas, por um breve momento, ele me olhou e sorriu, depois foi embora, assim como o meu Sabiá.

Você está no "Jogo improvisado de Talento do Senhor Coruja". Quem fala?

Oi. Sylvia, Sabiá.

"Sabiá" é a porra da puta que te pariu, falou? Nelsinho!

Me perdoa por sumir por tanto tempo, meu amor. Mas eu voltei pra você. Sou eu, a sua Sylvia. Diz que ainda gosta de mim.

Morre!

Ela já está morta, esqueceu? Acabei de contar toda a verdade. Me lembro de você já desconfiado nos últimos meses. É que eu preciso retomar isso. Nunca te contei, mas sou atriz, e pra viver a Sylvia, meu papel mais incongruente, eu fui às últimas consequências... E agora, volto a viver essa personagem, e preciso da sua ajuda de novo.

Cala a boca.

Interpretar é uma dor sem fim Nunca tive prazer Não sei onde sou atriz No pensamento No comportamento No jeito Na alma Sei o que sinto Quando não mais racional Quando sou tudo o que penso de verdade Quando mais me odeio Quando mais sinto medo Quando mais me conheço Quando mais me desprezo Quando não sei quem eu sou tudo entra em conflito O que acredito quando começa a passar os meus momentos passo também pelo processo Daqui a pouco vai completamente então perco a *lucidez* Posso me controlar Não sei porque faço isso Eu me vejo mais É daqui a pouco passa

Tá chapada, é? Alô? Alô! Boa-madrugada, 103-FM. Você está no "Jogo improvisado de Talento do Senhor Coruja". Quem fala?

Que voz de ressaca.

Então me sirva um Bloody Mary, *queridinha. Será que eu te encontraria? Será? Quantos comprimidos, hein? E Deus?*

Pensa muito nele?

Hum?

Não, se você pensa em Deus?

Não penso... Falo: "meu Deus, me ajuda?!", "obrigado Pai!", "vai com Deus", "se Ele quiser...", "pede pra Deus..." Essas coisas...

Devia trabalhar numa rádio religiosa. Sabe, um conhecido poeta português se desdobrava em personas – heterônimos – para contar suas histórias.

Mas o que ele tem a ver com Deus?

E se Deus fosse a única pessoa(s) do Universo, se multiplicando igual a Gremlins, assumindo diferentes formas para contar diferentes estórias?

Jurei, a princípio, que era uma pergunta retórica.

Cada um de nós seria uma persona Dele, tentando encontrar seu eixo, seu eu mais interior? Todos seríamos Sylvia.

É?

E por que, não? Se fosse a única vivalma com superpoder, acha que não ia pirar? Ainda mais sendo confuso e cheio de crise, é um ser humano...

Acho que não.

Claro que ia.

É, ia. Então, a mulher que viveu Sylvia é na verdade uma atriz, e todo processo de não se conhecer por repetir as reações de outras pessoas e não reconhecer suas próprias ações faz parte do trabalho enclausurador do ator, ponto?

Um dia eu tornei ao túmulo de Sylvia, e descobri que o corpo enterrado ali, era de uma menina morta aos dois meses de vida, chamada Sylvia, mas que nunca viveu nada daquilo que a mulher me contou, logicamente. E tudo não se passava de um sonho...

Eu não posso acreditar.

Diante daquele epitáfio, pela mãe que não esteve no enterro e chorava com atraso, conheci a mulher que quis ser personagem... Alguns de nós

somos assim. Ela também, em 93 com 20 anos, largou Psicologia, estágio, namorada para se casar com um executivo mais velho e mais alemão que ela. Mais tarde o largou, sem dizer nada, e foi para as ruas de São Paulo trabalhar como prostituta, engravidou, deu a menina que teve dentro de um carro ao ex-marido, e fez clientes apaixonados por ela e por suas tatuagens feitas de tinta de caneta. Não me apresentei pra mãe de Sylvia, não disse que sou ladra, que roubo inconscientemente tudo de todo mundo. Seu jeito de andar, falar, frases, sorriso, basta eu gostar.

Sua maior definição é ser mulher. Agora, quando é que esse inferno termina?

Meu Sabiá... Sabe quantos anos eu tenho, agora? Oitenta redondos. Vivo num asilo com o meu marido, lembra-se dele? Acabou de dormir, não reconhece mais ninguém... Mas hoje, depois do jantar, enquanto comia sua gelatina, me olhou esquisito e falou: "Como está, Sylvia?" Então, eu me maquiei como ela: batom bem vermelho, unhas roídas, tirei a calcinha, e me tornei aquele bolo, do qual todos queriam uma fatia, recheado de carisma, coberto por cultura, inteligência e ousadia. Eu preciso disso pra continuar morrendo, Sabiá.

Sylvia! Sylvia!

FIM

LEANDRO DOREGON é ator, professor de interpretação, dramaturgo, e aluno do curso de Dramaturgia da SP Escola de Teatro. Autor das peças: *Não Sei Quantas Maneiras de Falar de Sexo* (Jornada em Diversidade Sexual, Vide-verso, 2010) e *A Operação do Tio Onofre*, adapt. homônima da obra de Tatiana Belinky – projeto 2011 Tirando de Letra do SESC.

relógios de areia

Maria Shu

Som das ondas

mar
engolindo
terra
engolindo
cidade
engolindo
pessoas
que engolem
pessoas
sem menos
nem mar.
(TADEU RENATO, POETA E DRAMATURGO)

1.

Rompendo a tranquilidade das águas
Alcando voos e desafiando a lei
(da gravidade)
Salta a baleia.

JONAS

Misturado a restos de comida, eu navego em oceanos ilegais. Pisei fileiras de dentes, atolei língua e escorreguei noite adentro na garganta da baleia.

Eu aceitei o compromisso. A viagem. A paga.

Não quis nem saber a rota.

Quem sabe o rumo se é tão grande o espaço?

Sou um homem pobre. Encharcado. Mastigado. Engolido. O cheiro podre das poças de água e a sensação permanente de mil cadáveres me fazem companhia o tempo inteiro. Aqui é oco. Eco. Eu arrasto silêncios. Se eu gritasse, a solidão voltaria com mais força pra mim e me acertaria feito um bumerangue. Ela é absoluta e negra.

Eu quero sair…e ficar.

(som de coaxar)

Tiras de céu me ferem os olhos e eu me perco em carne que não é minha. Carne oleosa. Viscosa. Gelatinosa. Sinto o mundo pelo interior do monstro marinho sacudido de tanto mar, de tanta camada-célula-mucosa-osso-músculo-epiderme…pele. O corpo agarrado às engrenagens, inundando-se em rubro-vida.

Dentro é escuridão.

Quando se está nos porões, a lua é só uma hipótese.

Ventos de longa viagem uivam na minha noite e preenchem o tempo.

O canto da baleia atordoa, me ata em suas cordas vocais.

(Pausa)

Enjoado, sem poder vomitar.

O estômago cheio de não-comida.

O intestino sonhando com merda.

Expulsa com força o ar do pulmão
Faz subir a grande nuvem
(de fumaça)
Como um bebê, regurgita-me azedo.

Fim da viagem.

BALEIA

Faze bem o teu trabalho.

Pois neste reino não há perdão.

JONAS

Sim, senhor, Capitão.

Vou fazer meu melhor e prestar contas.

2.

Sentado num trono de louça

O negro rei pare filhos brancos.

JONAS

De tanto aluguel a barriga estufou.

O ventre intumescido se debate em contrações.

Ondas de dor vêm em torrentes e me açoitam as tripas. Pulsa. O corpo inteiro mergulhado na tarefa de liberar crianças de pó. Vasculho o lado avesso do ladrilho e me julgo cimento. Concretado. Impossível sair sem se estourar. Meus olhos adentram as trincas de azulejo e se afogam em duas lágrimas. A umidade borrada de teto é esmagadora. Roxos de segurar tenho dez dedos magros. Os braços arrebentam veias.

Lá fora, um cachorro latindo por entre os altos muros.

Mares vazam minha testa e a boca é um território da sede.

O Baleia aqui é mais seguro que um grande navio.

(som de coaxar)

Pernas tremem comovidas. Começa uma batalha de vermes no meu intestino.

Força, Jonas! Três mil Reais anestesiam qualquer humilhação.

Sinto os filhos me arranharem as vísceras, derrocarem as minhas paredes. Minha obrigação é conduzi-los através dos becos escuros. Eles tateiam na escuridão e não encontram a saída. Vamos, crianças, dêem-se as mãos! Eu guio vocês. Não tenham medo, que a luz logo vem.

A ordem máxima de expulsá-las chega.

Elas se lançam ao precipício
UMA A
Uma
Duuuuuas
Trinnnnntequat
Se…senta e noooove
Oi…ten-ta e TRÊS!

0 0 0 0 0 0 0 0 0 0
0 0 0 0 0 0 0 0 0
0 0 0 0 0 0 0 0 0 0 0
0 0 0 0 0 0 0 0 0 0 0
0 0 0 0 0 0 0 0 0 0 0
0 0 0 0 0 0 0 0 0
0 0 0 0 0 0 0 0
0 0 0 0 0 0 0 0

O cardume boia no rio de sangue.

Oitenta e três pequenos hóspedes
deixam a hospedaria
pela porta de trás.

Lavo cada filho parido para não feder.

Em sacos plásticos, deposito os meus bebês para que durmam o primeiro sono. Não, eles não são meus. A barriga é alugada. Eles respiram sem dificuldade. Todos inteiros. Roliços. Pesam um grama cada.

Filhos que nascem sem umbigo deixam outra cicatriz.

Oitenta e três.

Pode conferir.

Estão todos aí, conforme o combinado.

Vinde de mim as criancinhas!

(Pausa)

Tem certeza
de que foram lavados?

Evidente que sim, senhor.

Espera! Esse fedor vem da sua boca!

(som de coaxar)

3.

Do cruzamento entre a potranca
e o explorador
nasceu o burro-de-carga.

JONAS

A virtude?
Você quer saber o que fiz com a minha virtude?

BALEIA

O Baleia aqui não te promete nada.

JONAS

A virtude eu engoli…

BALEIA

É por tua conta e risco.

JONAS

num dia de tédio e armários vazios.

BALEIA

Esquema simples.

JONAS

Tudo é dinheiro…

BALEIA

Pago bem.

JONAS

Se eu tivesse seu carro
sua casa
seu *iPhone*…

BALEIA

Tu podes conseguir o que não tens.

JONAS

...eu TAMBÉM seria virtuoso.

BALEIA

Ou não.

JONAS

Também são feitos de carne, sangue e sonho
os corações dos burros-de-carga.

BALEIA

Esta é a hora, Jonas. Destrói tuas rédeas, empina!
Derruba o antigo cavaleiro. E segue-me a partir de agora.
Ancorado à quilha
seu coração enxergou
um aroma dentro:
Jonas soltou as amarras
e enlaçou o sonho a navegar
além.

.
.
.
.
.

JONAS

Eu aceito, senhor.
Quero saber o que se esconde depois da onda.

4.

O alimentador

JONAS

Foi enfiando o braço na sua goela que, por anos, eu o alimentei.
Noites, a boca desdentada engolia as brancas montanhas
e pedia bis.

Pais sabem a medida exata da fome de seus filhos.

(Pausa)

Um dia, a carne ferida gemeu de tanto sal.
E o estômago xilogravou uma úlcera.

O porto é o lugar onde jantam os navios.

O estivador está entranhado nos porões,

VEM MAIS, VEM MAIS…AI, DEU!

É a substância aquosa
É líquido ácido atuando sobre a carga, fazendo a digestão.

DEU, DEU, DEU…A ALTURA DEU!

É quintessência.

Orvalha as madrugadas com teu suor
Que teu fim é a redenção.

Suar até mesmo dormindo.

(Pausa)

História de estivador:

Ele organizava as sacas de sal. O estivador é o braço da engrenagem. O braço direito. A cabeça dele na saudade de um braço de mar. Sonhando com o dia da folga:

DEU FOLGA DO GUINDASTE.

Decepado, o braço acenou-lhe à distância e saudou o céu bonito, o tempo firme. O esquerdo. Era o braço esquerdo. O sangue do animal respingou em mim.

O mar vermelho
correu pelo pavilhão.

O que é que se faz com um braço esquerdo que se desprende no meio de um turno? Ora! Substitui-se por um direito porque a fome do navio prossegue. Aliás, para que serve um braço esquerdo mesmo?

Acidentes acontecem…
O socorro virá
Ele será içado.
Vamos trabalhar!

Cada grama de sal
equivale a uma lágrima derramada.

Dias amargos
de sal
e
de sol.

5.

Tempo
tem
pó.

A refeição. O PRATO VEIO CHEIO. **Amém**. *Amém*. AMÉM. *Não é preciso talheres*. COMA COM AS MÃOS. **Feito um animal.** *Você é um animal*. RASTEIRO. **Ele mergulha a coisa na calda rala**. *O molho, para as suas "ervilhas". Cerre os olhos e deguste a iguaria*. **Jonas engole sem mastigar.** BEM DEVAGAR PARA NÃO RASGAR A GARGANTA. Devagar. **O corpo repeliu uma vez.** DEU ANSIA. **Tente de novo**. *São biscoitos finos, Jonas. Engula esses biscoitos finos que a vida lhe oferece*. NÃO É SEMPRE QUE ALGO ASSIM ME ACONTECE. *Respire e engula*. **É só isso o que você tem que fazer.** EU SÓ EXISTO PARA ENGOLIR. **Lembra daquele pelo preso entre os seus dentes de leite, Jonas?** VAMOS, VOCÊ AGUENTA. *Mais uma*. **Ele abre a boca.** *Mais. Maaaaaaaais*. VOCÊ ALUGOU SEU CORPO PARA ELE. **Não, agora não tem mais volta.** EU NÃO SOU COVARDE. **Ou prefere engolir...?** *Ponha na boca mais uma maldita "ervilha"! Deixe de frescuras!* **Seja homem ao menos uma vez na vida!** ESTOU ME SENTINDO MAIS SUJO QUE A NICA CHUPETA DEPOIS DE UM NAVIO DE MARINHEIROS. *Se esforce!* **Ele pensa na grana**. *Vai dar tudo certo*. CALMA! CALMA! TUDO É QUESTÃO DE RELAXAR O ESÔFAGO. *Isso, isso, isso!* **São como aquelas uvas grandes e macias! Suculentas.** Você treinou. **Cof! Cof! Cof!** *Respire, porra! Um, dois, três...vamos, de novo*! **Sua quota de "ervilhas"**. EU PRECISO DAR CONTA DELAS. *O molho*. NA BOCA. **Descendo.** FOI FÁCIL AGORA. **Moleza!** *Mais, mais*. **O prato está quase vazio**. *Você pode fazer isso*. EU QUERO FAZER ISSO! ***NÓS PODEMOS***. EU CONFIO EM VOCÊ.

(Pausa longa. Som de coaxar)

Uma píton explodiu depois de engolir o jacaré. Pedaços dos dois répteis foram encontrados no parque. DEU NA TEVÊ. *Pode ser montagem.* QUATRO METROS TINHA A COBRA DOS ESTADOS UNIDOS. **Olha o aviãozinho**! EU VOU PRA LÁ. **O estômago da píton envolvia a cabeça, ombros e patas dianteiras do jacaré**. *Engole, Jonas*! EU NÃO VOU EXPLODIR. *Se uma merda dessas estourar no seu estômago* OU NO MEU INTESTINO, **ele já era**. **Morte por overdose. A absorção é rápida.** É *como morrer na praia, depois de ter engolido o mar, entende?* BOBAGEM, UMA PORÇÃO DE BOBAGEM**. Ele disse que vai dar tudo certo. Ele acha**. *Todo mundo vai morrer um dia, de um jeito ou de outro.* TEMPO TEM PÓ. **Os relógios de areia derramam de um cone para o outro.** EU SOU COMO UMA AMPULHETA IDIOTA CORRENDO CONTRA O TEMPO. **Se o cone quebrar, se a ervilha vazar, o relógio morre.** EU. *Você.* **Ele morre**. CUIDADO, JONAS, MUITO CUIDADO.

6.

Cronos engoliu
todos os seus filhos
à medida em que eles nasciam.

JONAS

Permaneçam um tempo mais, queridos. Por favor. Fiquem em mim até chegar a boa hora.

UMA PASSAGEIRA QUALQUER

Tem medo de voar? É sua primeira vez?

JONAS

Sim, quer dizer, n-não!

Apenas cansaço.

UMA PASSAGEIRA QUALQUER

Nesta época do ano o nevoeiro é comum. Os voos atrasam mesmo.

JONAS

É, duas horas de atraso.

UMA PASSAGEIRA QUALQUER

No inverno é pior. Já cheguei a esperar três horas pra voar por causa desta maldita neblina. Quase perco o casamento da minha sobrinha! Filha do meu irmão caçula, ela. Ele trabalhou uns poucos meses numa firma, mas foi mandado embora. Por incompetência, não duvido. Cá entre nós, sempre foi o mais "burrinho" da familia. Papai, por causa desse meu irmão ficou com um mar de desgosto colado na alma. Modéstia à parte, eu tenho irmão engenheiro, irmã médica... Já lhe disse que sou arquiteta? Está aqui o meu cartão, se precisar, faço um orçamento pra você sem compromisso, se bem que você, tão novo, talvez ainda não precise dos meus serviços, mas me recomende, por favor. O fato é que o caçula não tem profissão! Não soube aproveitar, nunca gostou de estudar, quebrava os óculos, de propósito, para não ter de ir à escola. Papai devia ter lhe dado uma bela de uma surra, quando criança ou pedido para outro que o fizesse em dias de agenda cheia. Eu teria aceitado. Eu sou a irmã mais velha, dei banho, troquei fralda... dei comida na boca. Tinha direitos de mãe, não tinha? Mãe é aquela que cria, já disseram. Deu-se que, por conta dessa mania da gente proteger o mais novo, que ele cresceu sem juízo e se meteu com uma colega de trabalho. Que tivesse seus casinhos, mas se cuidasse! Eu sei que vocês homens já nascem com o desejo nos olhos, não adianta negar. A moça, que não tinha onde cair morta, só percebeu a gravidez lá pro sexto mês de gestação, quando o meu irmão, por ter recebido uma proposta de trabalho, já residia numa outra cidade com a esposa e dois filhos. Um lugar calmo, calmo demais pra mim, que sou inteiramente urbana. Eles já se acostumaram com a pacatez do lugar. Se bem que, hoje em dia, não existe mais essa coisa de segurança no interior. Está tudo igual. Violência, droga... não tem pra onde correr. Bastardinha cresceu até os dez anos sem conhecer o mar e o pai. Não me leve a mal, eu gosto muito da menina; 'bastardinha" é um apelido bobo que ficou. Fez um ótimo casamento na Espanha. Que festa! Um luxo, só. Ela hospedou todos os familiares. Fez questão. Nessa vida, tudo é dinheiro, não é? Lembro como se fosse hoje do dia em que ela e a mãe apareceram debaixo de uma chuva que eu vou te dizer. Em pleno Natal, a família toda reunida... um es-cân-da-lo! A minha cunhada não aguentou a notícia, se estabacou no chão. Meu pai andava pra cima e pra baixo com a mão sobre o peito, dizendo pra si mesmo os piores palavrões do universo. A minha mãe gritava histérica: A MENINA NÃO TEM CULPA! A MENINA NÃO TEM CULPA DE NADA! A amante falava sem parar, competindo com o vozerio. E a menina, a menina tremia num canto, de medo ou de frio. Ela inteira pingava, de chuva ou de choro, tão misturado que não dava pra saber. O Natal acabou! Você acredita que eu voltei de estômago vazio? Cheguei em casa e tomei um copo de leite com

bolachas pra dormir. Mas no fim das contas, o que é que se podia fazer? Os laços de família são mais fortes! O jeito era ele assumir as responsabilidades paternas e engolir a filha.

JONAS

Ssssssssssei....

UMA PASSAGEIRA QUALQUER

Por Deus, você está pálido! Branco como um punhado de sal! Perdão, mas há momentos que desabafar com um desconhecido vale bem mais que uma sessão com o analista! E é de graça!

JONAS

Hmmmmmm

UMA PASSAGEIRA QUALQUER

Está com dor de barriga?Comeu alguma coisa que não te fez bem? Quer que eu chame a aeromoça?

JONAS

Não se preocupe. Está tudo bem. Com licença.

Cronos devora os seus.

Faz piada.

Debocha.

JONAS

Filhos que nascem prematuramente
precisam ser reengolidos.

7.

Decrifa-me ou me engole

Jonas, como foi a operação?
Tudo saiu conforme o esperado, capitão.
O terreno já foi devidamente salgado, capitão.
E quanto à casa?
Nossos homens a derrubaram.
Elas ofereceram resistência?

Capturar as fêmeas com filhotes deu mais trabalho, capitão, mas já estão a bordo.

Carnudas?

Sim, senhor. E muito apetitosas, se o senhor me permite esta observação.

Acalmem os ânimos, homens!
Somos um time e eu sou o capitão.
Caso haja algum problema, eu conversarei com o juiz, compreenderam?
SIM, SENHOR!

Glória! Eu sou o pai. O pai é sagrado. O pai é o senhor.

Senhor Jonas, desculpe interrompê-lo, mas elas já estão à sua espera.

Novinhas?

12,13,16...

E onde elas estão?

Na sala.

Oh! Excelente!

Como está o tempo?
Céu firme, sem previsão de tempestades.
Ok…hora de navegar.

8.

Uma nova missão

BALEIA

Jonas, Jonas. Acorde!

JONAS

Algum problema, capitão?

BALEIA

Quero que viajes até uma cidade distante
e alimentes uma boca com 35 ervilhas.

JONAS

Está certo da quantidade, capitão?
O capitão sabe que tenho as vísceras generosas,
que eu posso mais…

BALEIA

Acreditas em Deus, Jonas?

JONAS

Eu só acredito em úlceras.

BALEIA

Mas que falta de fé é essa?

(saca um revólver)

Reza um pai-nosso agora.

JONAS

Pater noster, Qui es in caelis, sanctificetur nomem tuum. Adveniat regnum tuum.

Fiat voluntas tua, sicut in caelo et in terra.

(som de coaxar)

BALEIA

Mais alto!

JONAS

Panen nostrum quotidianum da nobis hodie. Et dimitte nobis debita nostra, sicut et

nos dimittimus debitoribus nostri.

Et ne nos inducas in tentationem: sed libera nos a malo. Amen.

BALEIA

Amém, amém, amém.

Muito bom, meu filho.

Olha-me assim, por quê?

O Baleia não é feio como pintam.

O Baleia só ajuda gente vazia a se preencher.

JONAS

Onde estão as ervilhas, capitão?

BALEIA

Acalma-te e prepara-te!

Em breve farás a boa ação.

9.

Uma graça especial dos deuses

QUAL É O SEU NOME? jonas

JONAS DAS COUVES? NÃO TEM SOBRENOME, NÃO? da silva jonas da silva

QUANTOS ANOS VOCÊ TEM, RAPAZ? dezenove mês que vem

SABE QUE VOCÊ VEIO PRA ESTA SALA, TER UM PARTICULAR COMIGO? não sei senhor

TE DELATARAM, VAGABUNDO! JÁ SABEMOS QUE VOCÊ TRABALHA PARA O NARCOTRÁFICO COMO MULA como o quê

NÃO ME FAÇA PERDER A PORRA DA PACIÊNCIA! DE SANTOS DA SUA MARCA ESTOU ATÉ AQUI! COMO MULA, CARREGANDO DROGA NO ESTÔMAGO! pode olhar não tem nada não

TÁ PENSANDO QUE TEM OTÁRIO AQUI? SENTA! DESEMBUCHA! TÁ TRAFICANDO COCAÍNA OU *ECTASY*?

(som de coaxar)

não trafico droga não senhor

QUAL É A SUA PROFISSÃO? estivador

AH! E APROVEITA PRA INSERIR DROGA EM PRODUTOS VENDIDOS PARA FORA DO BRASIL? não senhor só carregar descarregar navio arrumar mercadoria regular manter o equilíbr

PRA MIM, VOCÊ É PEIXE PEQUENO. APOSTO QUE FORAM OS PRÓPRIOS CARAS DA SUA QUADRILHA QUE TE ENTREGARAM, QUE TE FIZERAM DE ISCA PARA DISTRAIR A NOSSA ATENÇÃO, ENQUANTO OUTRA MULA, COM UMA CARGA MUITO MAIOR NA BARRIGA SAIU DESSE AEROPORTO. *(PAUSA)* É ASSIM QUE VOCÊS TRABALHAM, ESSE É O ESQUEMA. FOI ISSO QUE ACONTECEU, NÃO FOI? MELHOR VOCÊ FALAR, MACONHEIRO! não sei de nada disso doutor

SUA FAMÍLIA SABE QUE VOCÊ TRABALHA PARA O TRÁFICO? eu não faço isso

SE UMA MERDA DESSAS ESTOURAR NO SEU ESTÔMAGO OU NO SEU INTESTINO, VOCÊ JÁ ERA. MORTE POR OVERDOSE, MALANDRO. A ABSORÇÃO É RÁPIDA.

NÃO TEM MEDO DE MORRER, RAPAZ?

TÁ SURDO, PORRA? PERGUNTEI SE VOCÊ NÃO TEM MEDO DA MORTE!

~~só tenho medo de morrer na praia depois de ter engolido o mar~~
eu não sei dizer

TEM UM HOSPITAL PERTINHO DAQUI. VOCÊ FAZ UM RAIO-X E AÍ A GENTE VÊ SE TEM OU NÃO TEM COISA AÍ DENTRO. VOCÊ VAI SE FUDER DE VERDE-AMARELO.

eu
engoli

MAIS ALTO!
EU ENGOLI **EU SOU UM ENGOLIDO!**

Engulo tudo desde que eu me entendo por gente

Já me mandaram engolir choro medo raiva decepção comida mal-feita vitaminas caseiras
COMO SE EU FOSSE UM ARTISTA DE CIRCO
COMO SE EU FOSSE UM ENGOLIDOR DE FOGO OU DE FACAS.

Já me enfiaram goela abaixo carne azeda de homem veias grossas sêmen vômito o pelo preso entre meus dentes de leite jatos de cândida o filete de sangue no canto da boca as sete águas
COMO SE EU FOSSE UM ARTISTA DE CIRCO
COMO SE EU FOSSE UM ENGOLIDOR DE FOGO OU DE FACAS.

por muito tempo eu engoli
lorotas
afrontas
injustiças
distâncias
pílulas
saliva
gato por lebre

SAPOS de todos os tamanhos
contra a minha vontade eu engoli
sem nunca fazer digestão

O estômago
era uma nau sem rumo
singrando num oceano de secreções.

Há uma plantação de mandrágoras crescendo dentro de mim
feito o pé de feijão daquela velha história
o caule da mandrágora atravessou as nuvens
e me levou às masmorras do castelo

foi o meu pai quem a plantou

pensei em podar mas não tive coragem
Peguei a tesoura do jardim
Olhei a boca do corte
E tonteei com o cheiro.

estranhas são as entranhas de Jonas.
O enxofre borbulha
e as serpentes fétidas de fumaça
saem pela
boca e pelo cu.

engulo porra
mas já basta de desaforos

porque o universo inteiro já passou na aridez da minha goela

COCAÍNA OU *ECSTASY*?
CONSIDERE-SE UM HOMEM ENCRENCADO SE EU TIVER DE REPETIR ESSA PERGUNTA!
achei que era melhor ser mula
que burro-de-carga
mas não é!
a origem é a mesma doutor
continuo atraindo olhares para a minha jaula apertada
nasci híbrido
e vou morrer híbrido

JONAS DA SILVA, O SENHOR ESTÁ PRES...
sal
COMO É QUE É?
SAL
35 ervilhas
de sal

O SENHOR É LOUCO OU O QUE?

Engoli 35 cápsulas de sal no lugar de cocaína

(Pausa)

não é crime o que eu trago nas entranhas, senhor
é sal

(Pausa)

eu era a bola da vez
a isca
sem diferença daquelas que pescador embrulha em jornal velho
mas acontece que eu engoli o anzol, entende?

Inverte-se uma ampulheta
para renovar o tempo que gastou

comprei luva cirúrgica fio dental
preparei de madrugada
pacote por pacote
e recheei com sal

FICOU IGUALZINHO, DOUTOR!

quando o baleia botou na minha frente o prato com a carga pra engolir
dei um jeito de trocar a coca pelo sal

embaladas as duas coisas são bem parecidas

Erro é deixar-se pegar.

sal doutor eu engoli sal

só não sei se o sal que eu engoli me conservará

ou tornará podre o que me resta

O senhor vai me prender por isso? É contra a lei engolir sal?

10.

SAL da vida.

JONAS

Depois de tudo

AINDA

O cheiro intenso da mandrágora
Escapa pelos poros
os sete buracos da cabeça
e vãos de dente.

Depois de tudo

AINDA

Metamorfoseiam girinos
No coaxar do estômago pantanoso desse burro-mula.

Homem
ao
mar.

11.

O primeiro anjo a entrar no mar
Chamaram de SALVA-VIDAS.

SALVA-VIDAS

Uma-duas-três-quatro-cinco-seis-sete-oito-nove-dez-onze-doze-treze--catorze-quinze.

Vamos, vamos! Você engoliu muito sal!

(Respiração boca-a-boca)

Uma-duas-três-quatro-cinco-seis-sete-oito-nove-dez-onze-doze-treze--catorze-quinze.

Força, Jonas! Estou te dando o que você precisa na boca!

(Respiração boca-a-boca)

Uma-duas-três-quatro-cinco-seis-sete-oito-nove-dez-onze-doze-treze--catorze-quinze.

Respire! É só isso o que você tem que fazer!

(Respiração boca-a-boca)

Uma-duas-três-quatro-cinco-seis-sete-oito-nove-dez-onze-doze-treze--catorze-quinze.

Vamos! Deixe de frescuras! Seja homem ao menos uma vez na vida!

(Respiração boca-a-boca)

Uma

Duuuuuas

Trinnnnntequat

Trinnnnnta e CINCO!

RESPIRA, PORRA!

Vai morrer

na praia

depois de ter engolido o mar?

Jonas vomita

12.

O início vem de mares distantes
O fim termina no começo

JONAS (aos pés de seu vômito)
O terreno estomacal foi devidamente salgado.
Murcham as mandrágoras.
E os sapos pularam em desespero
expulsos pela camada salina
Se esfalecem os anuros.
(Pausa)

Eu, zerado.
.
.
.
.
.
.
.
.
.
.
.
Silêncio.

(pausa)

Senhor, como é que se vive sem sapos e mandrágoras
Se eles já são a extensão de nossos corpos?

FIM

MARIA SHU é dramaturga, roterista, escritora e professora. Lecionou em escolas púbicas, venceu alguns concursos literários, participou do projeto "Ouvir Contar" com o texto dramático *Giz*, dirigido por Lavínia Pannunzio. Foi estagiária de dramaturgia na peça *Território Banal*, direção Jorge Vermelho. Escreveu para a Cia Os Satyros *Cabaret Stravaganza*, sob a direção de Rodolfo García Vázquez. Desenvolve roteiros para teatro empresarial

Licantropia

Tadeu Renato

ENTIDADES

Menino
Mãe
Pai
Coro

Admirar-se-ão os habitantes da terra, cujos nomes não estão escritos no livro da vida, desde o começo do mundo, vendo reaparecer a Fera que era e já não é mais.
APOCALIPSE 17:8

1. ENTRE O VÃO DAS DESORAS

MENINO

se não me fala a memória
invento

é assim mesmo que

era assim mesmo
mesmo que fosse de outro feitio era assim tinha a casa
azulada na janela

meu quarto
meu não
era deles quando eu cheguei
aqui no
tudo já era
tinha também um jardim onde

os lírios amarelos do meu pai
o terreno amarelírico terreno do meu pai
onde eu mijava escondido porque me dava vontade
de misturar os amarelos

depois o bairro que ainda nem era cidade
i n t e r i o r
tinha uma fazenda velha fincada entre as casas
feito uma borboleta no meio do concreto nascente
TUDO
ESTAVA
EM
CONSTRUÇÃO
peguei a estrada em
poeirada que embaça a vista toda vez que passa
um caminhão com bóias-frias
em direção a
e tudo se desenreda no céu azul marrom vermelho do fogo nos canaviais
o vento que rasteja com cheiro do nada
quanto mais a estrada se espicha
mais
mais eu quero andar até

queria poder sair do quarto agora

mas andava
anda
por aqueles idos

como se anda no limite do espaço?

um
que ninguém nunca viu

um demônio
matava quem achasse na frente um esfarrapado um degredado
filho de eva
nem missa acontecia direito
mas nem padre nem polícia nem prefeito
ninguém entendia
ninguém nunca viu
o filhodaputa que é lobisomem
eu tenho certeza

eu ouvia os lamentos dele nas madrugadas de céu estrelado
um céu maciço que se torcia
pesado

MÃE

larga disso menino
que lobisomem é coisa de não-existência
é invencionice de gente maljeitada

MENINO

pessoa humana não faz assim
arrancaram os olhos de uma menina
forçaram a ximbica dela
enfiaram os dentes enormes naquele velho

MÃE

eram facadas

MENINO

deixaram em pedaços

MÃE

para de tolice e vem almoçar

MENINO

tem carne?

MÃE

tenho

CORO

viemos do barro
da nau dos insensatos brota a alta voltagem
que incendeia nossos canaviais tão longe tão longe
do mar
foi problema de encarnação
excomungado sem nome
esse que nunca chegou direito no mundo

aleluia aleluia
o lodo

não tem cabeça feita
aquele que foge de tudo
que foge Daquele que sabe do todo

aleluia aleluia
o tolo

MENINO

a rua ainda era de barro mas o asfalto vinha despencando pela avenida
uma chuva que ficaria no durante da eternidade

MÃE

é hoje que mundo acaba

PAI

dona Dínfna mudou do município

MÃE

toda vez que desamanheço
acho que sou chuva

PAI

disse que tava com medo

MÃE

fico me espojando no chão
até que eu entenda o chão

PAI

porque não quer mais ter outro filho
ou neto ou cão

MÃE

e já não tenho mais medo de tudo que vai acabar

PAI

deixou o esposo e os outros rebentos pra trás

MÃE

durmo dançando

PAI

nessa idade?

MÃE

e me deixo ir

PAI

não tem mais pra onde

MÃE

te aperto de noite só pra ter onde me conter

PAI

mas tá certa depois de ter aquele filho
… … … estouvado

MÃE

aí me sinto juntada ao mundo nos conforme

PAI

tem carne?

MÃE

tenho

2. AS PALAVRAS DOS BATIZADOS ERAM OUTRAS

MENINO

nos tempos do gelo os lobos corriam
se aboletando nas cavernas onde as pessoas achavam
habitar de jeito mais prazenteiro
só ficar sozinho ou dar as costas ao que era criança
e uma matilha rasgava o peito
e tirava o pulso
e pulava a moita
e chamava a noite

CORO

menino!

MENINO

menino não que tenho nome

CORO

esse diabo esconjura sozinho
não é bando

só se for lobo-guará
que vive ermo
por que nos conjuntos não tem maneira
tendo pousada só no dos quando quer não ficar extinto

MENINO

em sendo um no somente
pode até acontecer
mas o bicho-cheira-terra tem nos poros
toda parentela
toda alcateia
é mais que um
lobo
é ancho
é entidade
é assombro

CORO

ente que não é de espanto de outro plano
mas bichumano destas ordens

MENINO

lobisomem é planta do mundo de cá
mas com raíz que se arvoreda pra lá
na ponta do mistério

CORO

menino!

MENINO

menino não que tenho nome

CORO

pois o torce-dentes
o sangra-cria
                o desnomeado
o zarapelho
                o azarape
o manfarro
                o mal-falado
é filho enjeitado de pia batismal
sétimo filho da linhagem dos homens
temporão na casa de mulheres céticas
aquele que não teve água benta na testa
nos tempos dos mais devidos
ficou sem
como ser chamado
é o transmutado em gente de não-ser que anoitece virado lobo

MENINO

também que vira gente
isso não erra

CORO

não se abasbaque
que isso é dos antigamentes

quando do povo acreditava que tudo era resto de mudança
nada era o que era

MENINO

... ... e o que é?

CORO

é homem de vontade ruim
olhos baços pra vida
sujeito rasteiro que não tem desculpa que apague seu afazer
figura que só sangrando é que se limpa
pondo pra secar nos braços de um jequitibá
um merda que não vale um cango

MENINO

e se ele não sabe o que se é quando é outro?

CORO

tá ficando parvo
cheio de resposta-pergunta
fosse lobisomem não saberia nada
que estes animalejos não cavaqueiam língua de gente

já disse que é sandice essa patranha de homem
mexido em lobisomentira ou ente sem ordem
esquece o que é de outros tempos

o tempo
é uma fala que me escapa

MÃE

tem carne

MENINO

não quero

MÃE

tem que ter querência

PAI

vai que no-depois você me ajuda na lavra

MÃE

você tá em fogo
fica acamado que isso é assomo de quarentena
dê um momento pra descansar

MENINO

gosto é de ver meu corpo-máquina
produzindo
meu corpo-eu fazendo esculturas de merda
sem que precise por as mãos
nem ter verbo antes

gosto de olhar as formas da merda
as curvas as carizes as cores o cheiro
da obra

MÃE

que tanto tempo passa no banheiro
o menino?

PAI

é da idade
não envergonha ele

MENINO

nos porém chega uma idade
que não pode mais se espantar
com o próprio fazimento
e os restos devem ser deixados pra trás
afundarem

a
deus

MÃE

não pode tocar

PAI

no assunto

MENINO

mãe
tenho coceiras que não acho por onde
aqui aqui
aqui
aqui ó
vontade de morder o comichão

MÃE

faça não
que eu te arrumo com beijo

meu

MENINO

eu tenho nome
de parente passado

MÃE

menino

3. NO MODO ERRÁTICO DE AMANHECER-SE ESTRADA

MENINO

foi no pois das horas que o pó da estrada me cobriu de beijos
e remigrar não mais posso
que já deixei os quintais em modo de lembrança
e a vila é agora uma pequena estrela
luziluzindo ao norte do leste do
sem direção

passa um sete cem noitrocentos caminhões com
caboclos
indo de costas ao roçar
carregados de cangalhas e botas de guerra

e sempre que chovia mãe tiritava por causa
do chamado medo-dos-ais
que era quando o céu gomitava trovão nas cabeças
e deixava a criatura pra sempremente
desassossegada
vivente
de déu-em-déu nas beiras dos ocos do planeta

vai que é no vem das chuvas que o caminhão desmaia ali
aqui
na ribanceira
e o rio nos afundados leva os liquidados que gritam
AAAAAAAAAAAAAAAAAAAAAAAAAAAAA

nem se me passa pelos olhos onde suplicam os penados
a estrada me correndo
eu parado
parado
pa ra do

e o molhar dos olhos da mãe me chovendo beijos
girassolarados

no terrenoculto do meu pai

lá fora
o ciciar do passarim-à-toa
chanchão cativo me açoitando com seu cantar amanhecido

desadormeci empapado
no suor da madrugada queimosa

PAI

aquele caminhante
um que é filho de Dínfna
ele não é muito bom dos pensamentos
não coisa fala-com-fala
conta das vez
que é campo-santo de gente morrida desde as gêneses

quando sou susto relampeando no confins
me amplio em buracos

cospe na terra quando demandam sua procedência
anda sem sapato sem nome sem dente
tá sempre cagado
é demente
mas é de inocência

MÃE

nos-dias-de-eumenina
achava pecado troçar assim do
ele era menino quando eu-menina
meu pai contava nos mais dos murmúrios que não era assim
nos seios de Dínfna

foi meramente só nos sete anos corridos que ele andou pasteando
comeu estrela

é o que falam
falam por aí

CORO

lá vem o bebe mijo
na eterna idade
vive de pau rijo
o doido da cidade
á tenra distância
se vê a sengraceza
deste poço de ânsia
moço de lua acesa

MENINO

ouvi gritos no estender da noite
quem era?

PAI

não berre
mulher
que acorda os do arredor

MÃE

que já nem sei se é o que me gozo
ou se te ecoo no apenas

MÃE

era o desatinado

PAI

o atrolhado?

MÃE (NOS-DIAS-DE-EUMENINA)

escuta
pai
que o menino insensato
deu agora de não falar
só gramunha ruído de animal estremecido
fica bailando que nem cachorro
atrás da culatra

CORO

da boca sai coruja
com a palavra armada
tem a cabeça intruja
não se sabe parada
do avesso é filho
sem começo nem fim
calma com o andarilho
que rouba alma de mim

MÃE

foi neste portando aquele sucedido
e ficou no sem linguarejar até os de há pouco
quando já homem
assim

PAI

tá agora sempre no agourando
não se faz no entendido

MÃE

danado
só atira frase sem mais nem sem
é desiquilibrado
só que nos porém apreciam ele por demais
aqui nestes distantes

CORO

olha o descapricho
deste micho
que resfala
pega logo o bicho
de pelixo
e empala

PAI

um lamurioso isto é
mas não grita no deslimite dos turnos
feito galo desespertador

MÃE

será se era o rosna-e-fuça?

MENINO

me levo no rememorar
estas conversas de mãe e pai
nos caminhados de antes da estrada

e o bocadinho de horas que desunem
eu e a morada
é no de agora uma lonjura que não alumia
nem vereda nem cerca

preciso alvorar

PAI

também você nesse fabular
de lobisomem?

MÃE

acordei meio sonada

PAI

urro nenhum
o menino tava na febre ainda
se piorar
tem que fazer sangria

MENINO

já convalesci

PAI

tô de divertimento com você
menino

4. É NO ENSOLARAR DO SANGUE QUE O CORPO SE LUACHEIA

CORO

carniça que nem com unguento se lava
garrote de sete palmos
nem cobra atamanhada servicia maneira tal

lambeu todo o de dentro
e agora
as formigas se banqueteiam com a rapa

...crendospadre

foi no jeito de danação
porque só o beijinferno
pra maldar assim com criança

tem que pôr soldado no farejamento
cozinhar em fogo
até o cu aparecer nos avessos

...crendospadre

é o miúdo de cria de dona-costureira
tava ontem mesmo no açude
assistindo peixe nascido do sereno

no madrugar que eu me adiantava
passei aqui pingaiado e vi sombra bruxulear
aí risquei-o-canudo no pensar que era ladrão

...crendospadre
...cagão

mãe trabalhando no brilho da lua
cozendo roupa pra fora
calças vestidos boleros bule
de chá pra digestão do tempo

não palavrei nada quando

era em verdade minha vó
a minha mãe
seu colo
cheiroso à dureza
não pode sair mais que este espaço
só que no grito angustiento
nos confins do limite
no pensar que era cavalo bravo
saltei todas as cercanias e chora não
vó é só um susto eu volto
no acordar pra levar roupas encestadas

relampeou sem trovão quando ele veio
perto demais
e me escapou nenhum falar
era dois era sete era noite
cabelos e dentes e unhas e já
esvaziei o cesto de remendos
vá embora
não
mãe não vou embora

me coça a pele
chame o pai pra ver o passarim
no chão da gaiola
você viu quem morreu mãe?

PAI

ô meu chanchão cantador
meu passarim

MÃE

coitadinha da velha

PAI

bom
depois de migrar de todo jeito
até rio tem seu leito

MENINO

coitadinho dele
do menino

MÃE

você não me sai mais
até o raivoso sumir
pousa no quarto e se planta lá

PAI

vou enterrar no jardim

MENINO

queria poder sair do quarto agora
mas anda por aí

um
que ninguém nunca viu
um demônio
mata quem estiver na frente um esfarrapado
ninguém nunca viu

o bruto que é lobisomem

eu tenho certeza?

PAI

seja o que seja
tem que fazer sangrar

MENINO

lobisomem se quebra mandinga
é no correr do vermelho

MÃE

não gosto quando finge
que ainda não morreu

PAI

fazer armadilha
até o cismático cair

MÃE

não tem mais nada por dentro
e ainda se bole

MENINO

assim é que se vê
os íntimos do animal

PAI

criatura enche bucho de achados
até escangalhar os internos

MENINO

quando a sangria secar
aí se cria uma temperança

MÃE

tá oco que até ecoa
e se estremece na mesmência

MENINO

é no se descobrir de contrário
que a gente vê que é feito gente

MÃE

se não magoar a cabeça
se faz de nem-te-sei com a morte

PAI

só depois de descourar o ser
que o silêncio
aí sim
vem
e limpa os acontecidos

MÃE

limpa as tripas aqui do peixe
menino

PAI

cuidado com as trilhas do perdido
menino
que o matador te faz
que nem fez com o finado

MENINO

o corpo-seco
o abolido
o ofendido
o morto
tinha nome
tem

o menino

CORO

alguém tem que guardar o doido
que logo é ele quem embruma
nas mãos do assassinador

abre a porta do convento
que é onde os atoleimados
se repousam

deixa o troncho em lugar a-toa
que é um de menos
no desterrar de vagamundo

ôôôôô
que o negrume do céu
anuncia tormenta

MENINO

poeira desanuvia e tudo atravessa por mim
os gritos no rio
o passar do rio
o rio
a noite atormentada

TUDO
PARECIA
EM
CONSTRUÇÂO

tendo nascido nos setemeizinho mãe achou pequeno por demais
e fez promessa a santo de tudo que é romaria
na minha salvação eu fosse rebatizado
na capela do cumpridor

mas o santo fazedor tinha nenhum nome composto
em porta de igreja
por lugar algum

se eu trespassar nas bandas do horizonte
sete cemitérios sete adros
já aqui estou
sete horas sete encruzinhadas sete quedas
remolhar benção na testa
me perdoa pai
eu salvei sua vivência
mãe?

eu volto
chora não
inspira

tenho apreço de ver o vento
se enrondilhar dançante na porta de casa
o ganir do lobisomem soprando o suspiro da terra
até virar vendaval

vou abrolhar outras vezes na claridade dos girassóis
no volteio que faço agora
nesta estrada que milvi
no antigamente de há pouco
a cidade
in te ri or
os caminhos perdidos se encontrando no raiar

estou voltando
ou estou indo?

5. NOTURNO DO ENREDADO

CORO

é hoje que o matador
encontra seu passamento

MENINO

tem precisão de prata
assim se desfaz o mal
do endividado com o cruz-canhoto

CORO

lobisomem ou homem lobo
tá condenado a berro e fogo
archote e apedrejamento
haja visto que tem tocaia
até nos encobertos dos arvoredos

MENINO

posso atentar?

CORO

isso não é folia-de-reis
nem teatro de praça
vai pra casa
menino

MENINO

eu tenho nome
e não desenraízo nem por nada daqui

MÃE

menino
vem que é hora de remediar

CORO

se aquiete no quarto
e não me saia nem por nada de lá

PAI

ventania de desviar rumo
assobiando miúdo maneiramente assim
é azo de trazer tempestade empoeirada

tranca as portas
passa as tramelas
que sopro robusto arria até casa

MÃE

ai meu santo que lhe devo um rebatizamento
livrai-me do fogo e do inferno
que logo eu lhe atiço uma vela

PAI

é chuva
mulher
não o juízo final

MÃE

o apocalipse se faz em cada piscar
viu como a lua tá afogueada?

PAI

afogueado já basta o menino
febre reveio crescente nos trinta e sete
tá meio banzaró
se piora voltamos no doutor

MENINO

trinta e sete de quentura é de pouquice
quase que nem é
só o frio que me queima no desflorar da manhãzinha

é o sol indo ou vindo na algibeira do horizonte?

trinta e oito graus trinta e nove graus quantos graus
carece pra fazer um ser virar outro e virar sol
trinta e oito quarenta e dois passos de prata
a bala de prata apontada no coração do trasformado

CORO

no caso de qualquer sombra tiver no movente
das horas que correm
um certeiro direto na cabeça
meu calibre 38 dá conta e

MENINO

nem parece mais a mesma
a cidade que nem era cidade eram
casas agraudando em volta da fazenda
arcaica
arcaica
aquecido o dia nesta estrada que me retorna
à morada do meu pai
da minha mãe
o tinir agudo que me viola
na memoração dos passados

ou na sala
a vitrola
a varanda ponteando arriba do rio onde os antepassados
dançam ladainhas
piedade de nós
AAAAAAAAAAAAAAAAAAAAAAAAAAAA
e tudo que pasta nem é boi nem é ruim

o **LOBISOMEM**

MENINO

por nossenhora
que figura é sua pessoa na escureza?

CORO

ciciam pelas bocas miúdas
que ele pulou a janela
e encontrou assombração

MENINO

é seu o bramido de esgueio
de enturvar água de bica?

CORO

debandou do resguardo
no calar da chuva
e se atreveu pelo estradão

MÃE

eu vi os sete anjos
que espreitam diante do
Incriado.

CORO

fugiu
o doido

PAI

tá por demais atarantado
o menino
não coisa fala com fala

MENINO

vai ficar me orvalhando ou vem
tratar comigo?
sou de bem-fazer
aterre não que estou de paz

MÃE

foram entregues sete
trombetas
quem desrolhou a janela?

CORO

ciciam que o doido
encontrou o setepele
o tisnado
o ferino
o capiroto
o assassino

PAI

deu de agora tresvariar
falando propriamente só

febril que nem um farol
vou avocar um doutor

CORO

ficou muquiado no canto
sem saber se entedia ou se
fazia de descabido

MENINO

não desfio nem um nada que você
fala

MÃE

eles tem o mesmo juízo
escambar pra fera
a sua força

MENINO

você não palavreia minha língua?

CORO

ele deparou com o verdugo

PAI

para com essa cantilena
carola
que nem um são aguenta
a chuva finda logo
igual a tudo

CORO

sabe como é
o doido
foi açular o matador
com roncados de não
linguagem

AAA AAAA AAA

MÃE

meu menino tá morrendo
ou tá espertado no dormir?

tem que fazer sangria

CORO

o outro chegou cheio de
danação de quem não
entende

entende?

PAI

eu que desfechei a janela
pro ar entrar
e o incômodo sair

CORO

entende?

MÃE

e se entra o lobisomem?

figura que só sangrando
é que se limpa

CORO

um certeiro direto
na cabeça

PAI

e o doutor
que não enxergo sua
chegança?

CORO

entra na fronte e é
capaz de não sair

MENINO

lobisomem se quebra mandinga
é no correr do vermelho

MÃE

desatadora de nós ampara a
cabeça
do meu menino

CORO

se não magoar a cabeça feriu a cabeça do doido
se faz de nem-te-sei com a morte até ele calar fundo

AAAAAAAAAAAAAA *AAAAAAAaaaaaaaaa* *AAAAAAAAAAAAAAAAAA*

6. EXISTÊNCIAS NOS PASSEIAM

MENINO

escaqueirei a cabeça do lobisomem
e na precisão de não topar outro deste
que se acercasse pra bisar a sina
debandei pra estrada de terra que sai da cidade e vai em direção a

na escureza da meia-noite chovi
até me espalhar na borda da estrada e virar rio
e ser rio
e ser céu
toda vez que desamenheço
penso que sou chuva
era a noite ainda inaugurada
quando caminhão cheio de caboclos
indo ao roçar
assentou no vão da ribanceira
com todos os que vieram antes de nós

e minha cabeça sente o vermelho gotejando na testa e me rebatizando
o afilhado do tinhoso me acertou juntamente?

quarenta e dois abre a janela pai
que o sol se encovou nos meus olhos
me lampeja chamas quarenta quarentena

livrai-nos senhor dos nossos inimigos
desatei a cidade dos nós do lobisomem
no bem-fazer de sangrar
o vermelhorizonte anuncia já manhã

vitral de capela tapera sem fiel sem santo sem altar
na curva
na encruzilhada
abandonada nos desmilagres
entrei no recinto e vi
espatifado o corpo
só a cabeça do santo de mesmo nome que o meu
goteira pisando na minha nuca

eu **RENOMEADO**
menino não
que eu tenho nome
fala pai
qual é o meu nome
como serei evocado?

só depois de descourar o ser
que o silêncio
aí sim
vem
e limpa os acontecidos

remigro agora pro quintal fértil
da minha casa

7. DO LUGAR ONDE ESTOU JÁ FUI EMBORA

MENINO

assim é que se foi

o sol aprumou na serra
ralentando o mundo em giragirar
e deixou a manhã mais de acanhação
de aparecer e muito no miudamente achei
o chão da estrada

nem parecia mais a mesma
a cidade que nem era cidade eram
casas agraudando em volta da fazenda
arcaica não mais

era agora o horizonte na vertical
empinado que nem que não sei

uma casa na cabeça de outra na cabeça de outra na cabeça de outra

ninguém na rua sem fazendas sem poeira
lençol de asfalto nas trilhas de terra

CORO

Está sozinho?

MENINO

não mais sozinho
que tô no diz-que-diz
com sua pessoa

CORO

Perdido?

MENINO

pensei que trocava de passos na errância
nos porém é esta cidade mesmo
com diferença tamanha que quase nem é a mesma

CORO

Você fala?

MENINO

tá no não-entendimento?
sai do escuro que eu não enxergo
o quem me conversa

uivo choroso de cão sem dono
corta o tempo
corta a carne
corta

CORO

AAAAAAAAAAAAAAAAAA

MENINO

era outro lobisomem
eu sem pedra que rachasse a cabeça do dito cujo
e fizesse escaldar de sangue os pêlos

apressei busca do jardim
pai e mãe
não é minha casa minha cidade meu
I N T E R I O R

TUDO
ESTAVA
EM
RUÍNAS

CORO

O menino insensato não consegue falar: apenas emite sons sem sentido feito animal raivoso.

MENINO

sete meses
trinta e nove graus
oitenta anos no atravessar de
uma noite
sem bois
sem jardim

é terra de lobisomem
maldição espalhada nos apanhados de todos os viventes
cidade encardida
pela peste

todo homem-rapaz-senhora virou animaldito
desbatizado na legião dos quintos
todos são lobisomens

eu não tenho certeza

quando voltei
não atinava no pensar o que os perdidos rosnavam

lobisomem se quebra mandinga
é no correr do vermelho

e nos depois assim
aquele que parte a danação
leva no peito o jeito de ser também
e se demuda
...
...
LOBISOMEM eu-menino?

AAAAAAAAAAAAAAAAAAAAAAAAAAAAAAAA
se eu não mais linguajeio na mesmência que todos demais
nem mais tenho pertença nesta cidade

NINGUEM MAIS FALA MINHA LÍNGUA
NINGUEM FALAVA MINHA LÍNGUA
NINGUÈM
FALÍNGUA
MINHA
LAVA

TÔ NARRANDO NUM CHAPADÃO DE SILÊNCIO?

sou lobisomem no ser das horas?

entende?

entende?

olhos de facho que alumiam
fazem farol na escuridão
no tempo dos gelos
os lobos
falavam e só eles falavam
e geravam
e geravam
e geravam todo o mundo
falando

CORO
Os loucos.

em sendo um no somente
pode até acontecer
mas o bicho-cheira-terra tem nos poros
toda parentela
toda alcateia
é mais que um
lobo
é ancho
é entidade
é assombro

trago dentro de mim todo bando
todo coro de lobisomens nos idos de antes da minha nascença
e nos depois dos depois dos depois

entende?

no tempo das chuvas
só um lobisomem alcança os
sentidos
de outro ser-lobisomem

e todo palavrar
é uma maldição
pra quem entende

NUNCA QUE PROSA ASSIM
ENTRA NO CORPO
SEM CAUSAR ESTRAGO

FIM

TADEU RENATO é graduado em Filosofia. Formado em Dramaturgia na SP Escola de Teatro. É dramaturgo do Coletivo Quizumba, além de escrever para diversos outros grupos. Frequentou cursos de criação literária, dramaturgia e roteiro. Escreve poemas e contos, publicados em antologias e blogs. Compositor e letrista, tem parcerias com músicos variados. Escreve no blog *varandeando.blogspot.com*

NESTE NÚMERO

Apresentação
Ivam Cabral

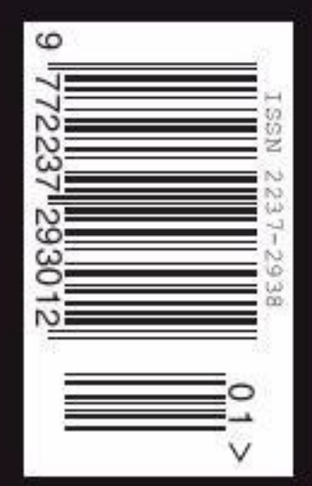
Prefácio
Sílvia Fernandes

O Clube
Afonso Junior Ferreira de Lima

Revide
F. A. Uchôa

Metaplágio
LeandroDoregon

relógios de areia
Maria Shu

Licantropia
Tadeu Renato

Coordenadora do curso de Dramaturgia
Marici Salomão